

# BRASIL-PORTUGAL

1 DE FEVEREIRO DE 1900

N.º 25

## CASTILHO

**C**EM ANOS decorridos sobre o dia em que nasceu Antonio Feliciano de Castilho, parece erguer-se mais formosa e mais pujante a sua estatura intellectual.

Por um natural impulso de admiração posthuma e de reconhecimento nacional, o dia em que veio ao mundo para engrandecer e honrar a terra em que nascera, accudiu ao pensamento de nós todos, e extincta de todo a lucta em que elle foi um combatente glorioso e temido, e apagadas as paixões que os vivos d'aquella esphera accendem e atëam, calados os despeitos que a superioridade provoca, vencidas as invejas suscitadas pelo triumpho, a memoria dos grandes homens como elle o foi aureola-se de todos os resplendores, impõe-se a todos os espiritos e torna-se o patrimonio de nós todos.

Encontrou a formula precisa quem disse um dia que Garrett era a elegancia, Herculano a forja, e Castilho a riqueza. Opuentissima riqueza com effeito era a d'esse cego sublime que arranco a sua lyra os sons mais vibrantes e variados das poesia portugueza, que creou uma litteratura sua, inimitavel e inconfundivel, pela correccão parnasianica da forma, pelo encanto de uma linguagem poderosa e fluente como as aguas crystalinas de um grande rio, linguagem tão portugueza que a ninguem mais fora dado o direito de igualal-a, porque ninguem ainda possuiu como elle o profundo, o vasto conhecimento do idioma nacional.

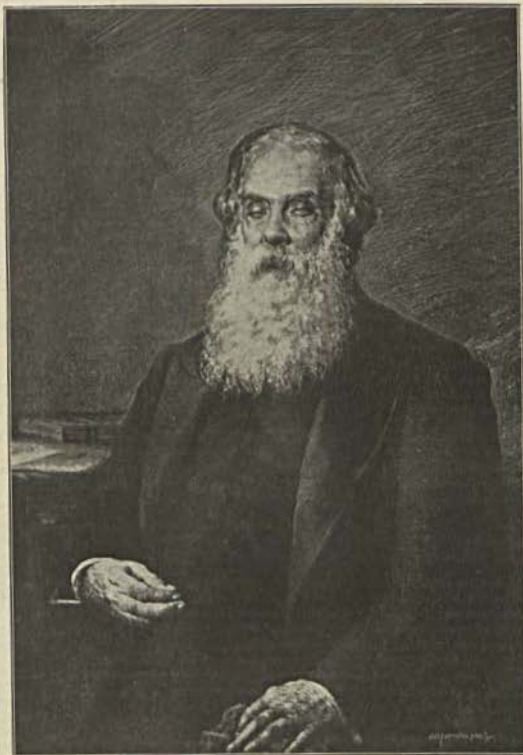
Para lhe perpetuar a memoria e altear-lhe o vulto á distancia do tempo, era de sobra esta inestimavel, esta opulentissima herança, abrangendo toda a obra colossal que vai desde os primeiros monumentos neo-classico sahidos da sua penna culta, inspirada pelos poetas do Lacio, até essas maravilhosas versões de Moliere, em que o poeta portuguez tão superiormente, tão vastamente collabora, que nunca em Portugal a transplantação de uma lingua extranha para a nossa assumiu tão altas proporções de trabalho original — tal o engenho, tal a elegancia, tal a riqueza.

Mas, como se fosse pouco tudo isto, e se este prodigio do oiro do espirito achasse ainda mesquinha e deficiente a parte com que contribuia para a civilisação do seu tempo, dez annos pendurou a lyra, como elle mesmo disse e exemplificou, para se entregar a outro trabalho, a outra missão, toda de amor, de dedicação, de altruismo.

A redempção da infancia pela luz, pelo ensino amovavel e pratico, foi a empreza nobre e altissima a que Castilho consagrou alma e coração, diffundindo por toda a parte o seu methodo de leitura, levando o pessoalmente ás escolas, explicando-o elle mesmo ás crianças, tornando-se emfim o porta-voz de uma religião nova, o evangelista de uma ideia redemptora. O edificio luminoso da sua vida é rematado por esta cupula magnifica!

Honar os mortos illustres, glorificar os filhos que mais a ennobrecerem, é porventura o mais santo dever da patria. Castilho fulgura entre os astros de primeira grandeza. Os enghenos transcendentales que cobriram de gloria o Portugal d'este seculo têm desaparecido nas trevas da morte, para depois brilharem com mais intensidade, e mais do que nunca parece que despedem hoje luz as orbitas varias d'este extraordinario cego.

Porisso a patria se eleva e nobilita em celebrar com honras posthumas a sua memoria. E o *Brasil-Portugal*, registando hoje nas suas paginas esta data nacional, e prestando ao poeta extincto uma singu-



Antonio Feliciano de Castilho

Vicente de Castilho  
Quadro a oleo de Miguel Angelo Lupi

lar homenagem, cumpre um dos seus deveres mais queridos, e exerce uma missão indeclinavel, gratissima.

Vem de molde o confessar-se neste logar que a empreza d'esta Revista desejo, e muito, ter a primazia das homenagens que foram ha 6 dias prestadas a memoria de Castilho. Mas teve de abandonar este desejo, ante a vontade reiterada d'aquelle cujo nome glorioso de familia se lê á frente da direcção d'este jornal. Entendia elle que a outros e não a filhos, herdeiros do mesmo nome, compete a iniciativa d'estas consagrações publicas. Esta inabalavel resolução, que pertence ao firo intimo, e revela uma susceptibilidade de sentimento, facil de apreciar, deu-nos o prazer de chegar tarde com a contribuição modesta da nossa homenagem, que não é porisso menos profunda nem menos sincera.



## Os nossos braços

Vimos que, para o fim de defender o que ainda nos resta da grande riqueza artística do povo português, acaba de se instituir um conselho superior dos monumentos nacionaes; e apressamo-nos a applaudir o meritorio acto de publica decencia que essa fundação representa.

Um paiz que, por um lado, subsidia assaz dispendiosamente o theatro de S. Carlos, e por outro lado se mostrava corneamente insensivel e indifferente a que existisse ou deixasse de existir a Sé de Lisboa, a igreja dos Jeronymos ou a Torre de Belem, é um paiz que, pela sua comprehensão da arte, se deveria considerar no resto da Europa como exhibido em temulencia alcoolica, em paralyzia geral, ou em regresso do espirito publico á civilização das cavernas ou das cidades lacustres.

Não que o theatro de S. Carlos não seja, tambem aos meus olhos, assim como aos de Lisboa inteira, um formidavel e muito apravel nucleo de sociabilidade amena e discreta. Elle é, com effeito, um bom portico, grandiosamente burguez, e barato no fim de contas, aberto ao snobismo, que é o *in eo vivimus et sumus* das sociedades modernas, e dando facil accesso na alta sociedade — como espectadores — aos deputados de provincia, aos ministros d'estado, e em geral a todos os demais famelicos de representação e de notoriedade mundana. Elle é ainda — sem questão alguma — um benefico horto de gravatas brancas, de chapéus altos de offo reflexos, de vestidos decotados, e de rocagantes e aromaticas sabidas de baile em rendas de Veneza e em martas zibelinas. S. Carlos finalmente — eu o reconheço — é o nosso tradicional e consagrado foco de correspondencias amaviosas entre os dois sexos, por meio de olhares exhibidos e de jogos physiomiocicos, jogos licitos, bem entendido, e de boa companhia, como os de vasa, pois nunca, em tal eden, se chegou jámais a roer o fructo prohibido, a não ser sob a forma de castão, nas bengalas dos reprobos, a jóga da platéia para as torrinhas.

Não padecemos duvida nenhuma que as navés da Sé, os claustros dos Jeronymos e os ciradões da Torre de Belem offerecem muito menos vantagens de sociedade que o theatro de S. Carlos; mas tambem, em compensação, n'esses monumentos historicos não se canta a opera italiana, nem se dançam os bailados macabros da scena lyrica.

Os srz. assignantes do primeiro e do segundo turno e das recitas supplementares não imaginam o regalo que é estar a gente na Sé sem ouvir nada, ou a ouvir unicamente o cantochão dos srz. conegos!

É certo que os spartilos sagrados se não prestam ao do pelo, ás cadencias bellissimas de espada ao léo, ou ás florituras sentimentaes, de deito minimo arrebitado em colcheia e de offhos em hemol. E sem embargo, os conegos no rôro agrão no palco, porque os conegos não trazem p'ras postica, nem tem os olhos acerbamente pinilados a negro como os de vasa, na prá do hotes caclheiros; não mencionam densamente os quadris; não se vê elles tem os joelhos alcidadamente reentrantes pelo sobrepeso da bacía, como a maioria dos artistas lyricos e gordos; e ao terminarem vespéras ou matinas, elles não se sarcoteiam provocadoramente pelo fundo fira, como os tenores, de maçena para trax da orelha, abanando as mãos levantadas ao ceu, não sei se de afflicção se de contentamento, mas descontento que de troça.

Eu portanto pretiro em arte as cathedraes aos theatros lyricos. Mas não exagero a minha predilecção até o ponto de requerer do Estado que elle reparta igualmente as suas liberalidades entre os monumentos nacionaes e os tenores estrangeiros.

Uma vez que os tenores leem a sua conta, e que os monumentos vão ter ao seu conselho, acho que devo zoffregamente arrebar, pelos pouquissimos cabellos que ella tem, esta occasião de me dar por satisfeito.

O que realmente não entendo bem é que por uma secretaría d'estado se esteja decretando a protecção á architectura monumental e á escultura que n'ella se comprehende, e que por outra secretaría do mesmo estado se esteja ao mesmo tempo devastando a sobredita architectura por meio do lançamento de uma imposto annual (de 125000 réis creio eu que elle é) sobre todo o cidadão que immediatamente se não apresse a deitar a baixo, á picareta ou á moçada, os braços dos predios de que for dono!

Já sei que desde que se acha estabelecido o bem capiosamente cha-

mado imposto sumptuario, e desde que o cidadão paga uma verdadeira e pesada multa por ter carroagem, por ter cavallo, por ter bicicleta e por ter cão, justo parece que elle pague tambem por ter escudo d'armas no frontispicio da sua casa...

Mas não antecipeemos... como se diz nos enredos precipitados e tumultuosos das novellas.

Consideremos previamente se o alludido imposto sumptuario é ou não é a mais estúpida das concepções de que se haja aliavido, em cima do senso commum, o cerebro de um estalista.

Eu digo que é. E não invocarei para isso pedantescas razões de economia politica, pelas quaes nunca Deus nosso senhor desse maior trabalho ao meu fraco entendimento que o de demonstrar que a *sumptuosidade*, tal como o legislador a considera para os effeitos do imposto, não pode ser nunca em direito materia collectavel.

A lei de que se trata não precisa de razões de fora que lhe patenteiem a imbecillidade. Ella é imbecil sem confronto, e em si mesma, o que é a mais aguda maneira de o ser. Se a lei do imposto sumptuario tributa uma bella carroagem, uma bonita parella de cavallos, um esbello galgo, ou um fino *cab*, cujo apuramento de sangue e cuja educação de pista é uma vergonha de cotejo e deveria ser um exemplo, e um estitulo de aperfeiçoamento para as mangoeiras dos nossos collegios e para os picadores intellectuaes das nossas escolas, é evidente que com muito mais plausibilidade a mesma lei deveria tributar os chapéus pathologicos, os vestidos alucinantes, os taçoes degenerescerentes, os penteados gazometraes e de carapêla ao centro, das senhoras, assim como os alfinetes de gravatas contra a natureza, e as bengalas estolidamente decorativas, dos homens a pé. Porque os aspectos de bons cavallos, de lindos cães, de elegantes equipagens são um usufructo do publico, e ainda um maior prazer esthetico de quem os vê do que de quem os paga, ao passo que os desmandos do gosto no culto da moda, mesmo barata e pedestre, são uma offensa da esthetica e uma afflictiva vergonha da arte.

Demais, uma vez admittido o absurdo do principio, tanto se deve logicamente pagar por ter cavallo, cão, carroagem ou bicicleta, como por ter papagaio, catatnas, galgos ou pianos. E não se vê razão nenhuma para que se não tribuete analogamente, por abuso de sumptuosidade, os que trazem bolas com biqueiras ou com duas solas, os que deitam queijo nos macarões, e os que usam bigode.

Emfim, esperemos que todas estas coisas devidamente se regularisem, chegando-se á perfeição de se pagar por tudo, sem excepção nenhuma, que é o que deve ser.

Por sua parte o braço, ou pedra d'armas, como antigamente se dizia, é um elemento constitutivo na decoração architectural da casa nobre. Elle é o motivo central do desenho da fachada, o complemento de um frontão dominante, ou a parte integrante do timpano no arco do portico. Para a cidade os braços dos predios constituem um dos adornamentos mais bellos das construções e são um embrocimento das ruas, pelo desenho das armas, pelo emolduramento das palmas ou dos brutescos que as envolvem, e pelo penacho heraldico dos paquifes que os encimam.

É possivel que as pedras do escudo nem sempre correspondam hoje precisamente á linhagem do seu dono, mas que nos importa a nós, simples publico, o problema genealogico! As ruellas dos Castros o lío de purpura dos Mellos e dos Silvas, as meias luas em quadernas dos Sosas, as faxas veiradas de prata dos Vasconcellos, as cruzes dos Pereiras, as barras de ouro dos Britos e dos Limas, o anel e os lizes dos Menezes, ou os escaques dos Gamas com o Nayre da India por timbre, não são menos bellos nem menos nobres symbolos de grandezza e de poesia cavalleirosa pelo facto de serem ou não serem aquellas que os usam os legitimos herdeiros dos nomes gloriosos que elles representam. E' até bom, em certa maneira, que se extingam as varonias, para que reverta cumulativamente á patria, em beneficio dos humildes, a gloria dos grandes.

Deitar agora abaixo esses padrões sagrados, pela razão de que elles se recusam a render para o estado 125000 réis por anno, não é de portuguezes, nem é d'homens de povoado; é de bestas feras, sem toca e sem ninho, errantes, á ventura, na mudez do deserto.

RAMALHO ORTIGÃO.



# SURSUM CORDA

Apoz cem annos, quando se foi grande, a humanidade culla vai levantar nos despojos da morte um simulacro de vida para as grimpas dos centenários. Iam então para eternidade a consagração d'esta homenagem. E' um engano, mas é uma saudação — *Sursum corda*! — achou-se isto nos livros santos. — Sus! — é uma invocação generosa; infelizmente não é uma verdade. Coração que morreu, morreu. Por mais que se invoque, elle jaz; por mais que se chame, não ouve. Contulo — *Sursum corda* — é a invocação posthuma da admiração, do bemquerer, da apothese. Ha vislumbres d'amor e sentimentos de divina essencia na invocação que tenta resurgir, que nunca devera morrer, mas a morte que passou, extinguiu. Do grande morto, porém, ficou immenso... e quer se encontrem, no claustro do Sant'Anna, os ossos de Camões, ou quer se procurem debaixo dos registos de Homero em todas as cidades da Grecia, o grande, á proporção do que mais se extingue no evaecer da humanidade, mais se eleva na apothese da sublimidade. Nos somos demasiado altaneiros e facil nos é chamar — eternamente — aquillo que é fugitivo, mas cumpre a cada qual dar o que tem e satisfazer o que pode.

Completa-se hoje um seculo, desde que veio ao mundo um dos maiores homens de Portugal; um dos maiores astros das nossas letras. E como eu hei de já agora persistir, pondo sempre na phrase das minhas afirmações o conceito das minhas convicções, tive sempre Antonio Feliciano de Castilho, poeta, entre todos os poetas que honraram Portugal.

Se Castilho visse e visse a phrase que deixo escripta e cerceei quanto podia, tentaria evitar que a escrevesse; tantas vêzes me exallou as grandezas de Herculano e de Garrett; e eu em nada sou inferior á admiração dos seus grandes merecimentos.

Bem sei; mas elle já não vê nem ouve. Eu devo-lhe muito. Até me fez acadêmico. Elle! foi elle. Quando soube da honra que me era conferida, em vez de ir vizitar a Academia fui vizital-o a elle e agradecer-lhe.

Não tentem afastar Castilho e honremos devidamente esta formosa trindade. Além fica já Bocage; e' devesse aos Castilhos a sua estatuas; sinto não o ver já n'esta constellação tão brilhante.

Não quero dizer de Castilho: — *Meu grande Mestre*, — por medo de o molestar com a insufficiencia do seu discipulo, aliás recordaria, para prova do muito que lhe devi, o mais fidalgo que me deu da sua mão poderosa, e ainda o que levou de rasgões das mordeduras dos irritados contra o pobre ser-tanejo.

Alguns até se esqueceram de que elle era cego!... Era melhor talvez não haver tocado n'esta miseria que teve a desgraça de ser portuguez, mas sangra toda hoje o meu coração.

Meus illustres amigos valiosos e sincerissimos, José Feliciano de Castilho e Antonio Augusto Teixeira de Vasconcellos... e falo só de vós! quizera bem ver-vos n'esta solemnidade.

Vem cedo a consagração de Castilho. Eu não a quizera por agora. Ha gente facilmente comprehensivo, e ha gente que tem de afastar-se a mais e mais para poder ver-se nas suas verdadeiras proporções. E quanto maiores são os grandes mais a distancia tem de marcar as perspectivas. Em verdade o presente quiz festejar o seu grande poeta; fez bem, porque dentro em pouco o presente desaparecerá tambem e quiz dar a tempo um testemunho da sua admiração. Honra lhe seja! Não lhe dará já hoje as devidas dimensões do seu prospecto, mas se lhe não talha o monumento, significa-lhe a homenagem. Que eu prefiro a ao monumento.

Quando vizitei Roma tinha visto Paris. A mim todo me era grande, extraordinario! — O Arco da Estrella; as fontes monumentaes, a columna Vendôme; só junto d'esta passel horas, vendo os baixos relevos da espiral e n'aquelle bruno uma grande gloria da França que eu tinha por eterna (toda

a não derrubara a horda da Communa); e assim vivi e sonhei por largo tempo até que fui a Roma.

E vi então na cidade eterna que tudo quanto vira, de monumentos em Paris, era imitação ou arremedo. Palacios, monumentos, arcos, jardins, theatros, templos, tudo levava de Roma a Arte e a Poesia. Andei a vêr os baixos e altos relevos que ornavam as columnas monumentaes, que manifestavam a respectiva historia dos seus heroes. Chegando ao romate das legendas da apothese, afastei-me a devida distancia para bem vêr os heroes. Imagine-se o meu espanto ao vêr, no topo das columnas, que deviam ser Antonio e Trajano — S. Pedro e S. Paulo! — Na *Piazza Colonna* a estatua de Marco Aurelio, Antonio, o Piedoso, era substituida, por honra de Xisto V e em bronze dourado, pelo apostolo S. Paulo. Os baixos relevos diziam ainda os assumptos epicos da historia das guerras e victorias que o velho imperador alcançara dos Marcomanos e d'outros povos da Germania, mas o monumento já estava decapitado ou substituido. S. Paulo herdava o espolio e possuía as honras da velha apothese. *Ne Forum de Trajano*, (o nome inda então se conservava) as espiraes da formosissima columna engrinaldavam a historia de Trajano nas victorias dos Bacios, porém Trajano desaparecera do seu capitel e talvez mesmo de Roma. S. Pedro ficou de posse das glorias monumentaes do egregio monarcha, addindo uma herança... de duvidosa piedade se a não houvesse sanctificado o strenuo dispenseiro do catholicismo.

Mas isto que eu vira em Roma e pelo que ouse confiar pouco dos *eternos* triumphos da terra, dando mais e melhor ou menos mal ás letras, que aos marmores ou aos bronzes, vê-se em toda a parte.

Alli foi o catholicismo destruindo os Cesares, mas eu vira em Paris o contrario d'isto, a politica destruindo monumentos do catholicismo. Foi vér Santa Geneveva, que já por duas vezes fora despojada do seu templo.

E d'aquella Sancta padroeira e advogada de Paris, e com quanta unção venerada, já lá esteve indeusado e com forçada aposentadoria um grande apostolo que antecederá o Terror, uma das epochas mais brilhantes da França, embora a mim me pareça, e sou liberal, das mais torpes e mais ignobes da humanidade. Hoje tem lá Victor Hugo, que não carecia de desaposar a Sancta padroeira.

Napoléon jaz no seu tumulo dos Invalidos; por quanto tempo o deixará descansar?...

Até na velha cidade de Vizeu se encontra uma igreja que foi edificada em honra de S. Miguel. N'esta encontra-se um

tumulo que tem por inscripção: — *He jacet aut jacuit, si vera est fama, Herdericus, Ulminis Rex Godorum*. Alli estivera, diz a fama, o bandido lei dos godos que, segundo se creê, ali veio acabar foragido. Os povos quizeram dar-lhe ali o seu ultimo albergue, ali lhe consagraram no seu derradeiro monumento o seu derradeiro refugio! Onde está?... Alli jaz, ou jazcu, si vera est fama!... Que judicioso epitaphio!

Temos dois pantheons hoje em Lisboa...

Sou tão velho, tão triste e tão endurecido nas minhas cogitações que, mesmo n'uma festa de allulias, e quando tenho deante de mim um dos maiores vultos da minha patria, estou a vêr na biblia da humanidade sempre o eterno que tanto procuro, e que sempre me parece ephemero.

Voltemos, porém, a Castilho, que os seus contemporaneos pretendem glorificar honrando o seu e os seus nomes.

Não cabe mencionar, n'uma saudação passageira do seu discipulo que muito se honra beijando ainda a sua mão fria, escorso ao menos dos primeiros que o talento d'elle deixou nos seus livros para honra da nossa terra. No immenso valor dos seus fillos, que tão dignamente continuam as suas glorias, e nos thesouros que tanto engrandecem e avolumam, cego tão ridente e primoroso, eu quizera abrir os seus escriptos para só com elles engrinal-



ANTONIO FELICIANO DE CASTILHO

dar o seu vulto venerando em hora de tanta solemnidade. Quizera ao menos... mas não sei escolher de molde...

Beixem que eu procure apenas recordar os mais simples e correntes dos seus versos, para que ao menos termine com alguns d'elles a musica da sua querida voz.

Para mim, Castilho, se me conceder que eu sinto alguma coisa do que me vai no coração, se mais nada tivesse escripto do musicista que nos legou, tendo apenas deixado a simplicissima *Lenda da Nazareth*, creava sem contestação a sua immortalidade:

— «Em campos de Guadaleite,  
Acabado se era o dia,  
Co' o dia, a grande batalha;  
co' a batalha, a monarchia. —

E' uma historia immensa esta quadra tão singella.

E este conceito do frade ao passar, com o rei, do Guadiana:

— «Gerca das agoas, o velho  
se detinha e sofçava

e dizia, agora olhando  
o mosteiro e agora a barca:



CASTILHO, MORTO

Agradeço, senhores redactores, terem-se lembrado d'este velho na sua festa. Portugal não a esquecerá em seculos futuros.

THOMAS RIBEIRO.

## O ESCULTOR E O POETA

Da estatuetta, que, em frente reproduzimos foi autor o chefe d'essa familia de artistas que se chamam Bordallo Pinheiro, pintor distincto e já glorioso, começou a dedicarse á escultura, em que se exercitou sem mestre á força de trabalho paciente.

Faz tentativas dignas de louvor com que foram acobitadas, e querendo patrioticamente dotar a sua terra com uma colleção de estatuetas de portuguezes illustres, começou pela de Antonio Feliciano de Castilho, e o proprio poeta, a qualificação de *indiscretos* na sua *Carta de um poeta a um escultor*, carta que foi publicada no *Archivo Pitagorico*, e que é um monumento litterario de grande valia.

Na d'essa carta os interessantes trechos que a seguir se liem:

«Que não sonhesse da nossa boa e antiga amizade, havia de ter custo em explicar o nascimento d'esta obra prima, em que vos repartis commigo da vossa immortalidade. Eu mesmo, se não medisse pelo affecto que vos consagro o que vos me liberalisasse, ficaria confuso com tamanha honra. A maior que as bellas artes podem fazer a um vivo, é de certo. A estatua é a embalsamação antes da morte; a estatua é a apothecose; a estatua é a gloria solidificada. O benemerito a quem ella se erige está-se já lá vendo no fundo da posteridade como n'um espelho.

Honras assim, meu amigo, devem-se conferir, mas a custo, e quasi avaramente: nem se neguem aos que lhes tem jus, nem se prostituam aos que a Providencia não privilegiou ao nascer.

Já que andaes com a mão na massa de eternisar (e que bem fadada mão!) havelis de me consentir que, usando dos amplos direitos da amizade velha, eu esboce ao vosso juizo algumas ponderações, que, em todo, ou em parte, por ventura aproveitareis. Perdidas absolutamente para um tal espirito, nunca ellas hão de ser, pois m'as suggere o sentimento do verdadeiro e do bom, que, não menos que o do bello, deve presidir ás emprezas do artista em nossa cidade; e idade séria, utilitaria, progressiva.

Estudando-vos na minha estatua, folgo de descobrir que n'este particular pensaes vós como eu; pois destes na commemoração das minhas obras o lugar primeiro é carta de afforria que Deus me permitiu trazer á puericia. E que valiem realmente em comparação d'este codigo de amor, depositario mysterioso de tanta civilização; que valem, que pesam, que avultam, uns cantos passageiros, feitos pela ociosidade para a ociosidade, dependentes do capricho da moda, e que as transformações da lingua e do gosto poderão dentro em pouco deixar sepultados, como tantos outros, de todos os seculos, nas Necropolis das livrarias?! Amores, mythologias, e mesmo historias,

que são, se se comparam com a arte de semear no semi baldio do presente as searas opimas do futuro?! A redempção que eu evangelizei á escola, e cujo triumpho já no meio do martyrio se começa a entrever, esta sim é obra de obras, e não de palavras; de beneficencia effectiva, não de ternuras vagas; não de talento, nem de brilho, nem de ambição egoistica, mas chã, obscura, calçada e fundada de fé, esperanza e caridade; obra que a Providencia ha de infalivelmente amparar contra persiguições e invejas, como a cousa sua; pois é ao mesmo tempo alegre como a infancia que já a ama; carinhosa, como os corações maternos que algum dia a adorarão; sisuda, forte e emprehendedora, como o espirito viril da nova era.

ANTONIO FELICIANO DE CASTILHO  
Estatueta de Manoel Maria Bordallo Pinheiro

Propondo este ensino humano, fructo só de boas diligencias, não mereci estatuas nem admirações; benevolencias, sim; tantas, pelo menos, quantos tem sido os odios a estorvar-me de toda a parte n'este arroteamento que é para todos, e para todos ha de ser por derradeiro.

Mãos á obra! depare-vos Deus para o vosso primeiro busto, como já conto, melhor assumpto por parte do talento do que d'esta vez o tiveste. Por parte do coração e bons desejos, basta e sobra que vol-o offereça equal; superior, ainda elle o não creou.

Concluo supplicando-vos repartaes os meus agradecimentos com os vossos collaboradores n'esta magnifica *surpresa* com que me vistes confundir. Coelho, gravando a estatua com a mestria que todos lhe admiram; Leite, illustrando a com aquelle primor de estilo brotado do coração, que lhe affiança um dos primeiros logares entre os escriptores portuguezes; e a redacção do *Archivo Pitagorico* conociendo-os a ambos nas suas paginas, deram-me anticipado tamanho premio, que o não chegar eu para o justificar com um seculo de tão perseverantes e patrióticos trabalhos, como os que me tem consumido estes ultimos oito annos.

A elles e a vós abraço do coração o vosso admirador e amigo obrigadissimo. — Lisboa doze de Janeiro de mil oitocentos e cincoenta e sete.

A. F. DE CASTILHO.



## Lenda dos Bailarins



A. F. de Castilho, aos 17 annos

Saltae, cantae, filios; vós sois pequeninos,  
e a Deus lédamente se deve servir;  
Jesus nas palhinhas estava se a rir;  
e depois de grande chamava os meninos.

Saltae, cantae, filios; que o Santo Nata  
é festa de todos, mas vossa mórmente:  
Jesus é no barco; no ar resfulgente  
voiteia de anjinhos um bando contente,  
que são as creanças do reino immortal.

Aqui, brincae, filios; mas logo, no templo,  
respeito o fervor!  
porque... mas sentae-vos, e ouvi-me este exemplo.  
Rezae ao Presepio de Nosso Senhor.

Foi caso mui triste, de horror e de espanto;  
ninguém o leu nunca sem fremla voz;  
mas não tenhaes medo, que Deus é por nós,  
e a Virgem nos cobre com seu rico manto.

Cozei-vos comigo; prestae-me attenção.  
Faz hoje oitocentos e trinta e dois annos...  
(Ouvia os repiques, e os gallos ufanos,  
que estão á porfia clamando aos humanos;  
¡Nasceu Jezu-Christo, baixou redempção!)

Foi pois n'esta noite das glorias do templo,  
n'est' hora de amor,  
que lá em Saxonia passou este exemplo.  
Rezae ao Presepio de Nosso Senhor.

Ja ao cemiterio, n'essa noite aberto,  
muito povo á missa; doze horas á dar,  
subia á dizé la no festivo altar  
um clérigo velho, chamado Ruperto.

Ouvia-lh'a o povo com mil devoções,  
não só por ser padre de mil santa vida,  
e ser tal o dia, senão porque a ermidã  
estava em paragem que tanto convidã  
a serias tristezas e pedo orações;

ermida entre mortos... é como, n'um templo,  
sacario interior;  
não tremaes, filinhos, mas ouvi o exemplo.  
Rezae ao Presepio de Nosso Senhor.

Havia na terra (chamava-se Otherio)  
um homem sem siao, sem lei e sem Deus;  
o qual n'essa noite, com quinze dos seus  
e mais tres mulheres, veiu ao cemiterio.

Vinham d'uma ceia de largo beber;  
chegaram, bem viram que se estava á missa,  
voltaram lhe as costas; o demõ os enlica,  
os leva, os arrasta, mas almas lhas atica  
o fogo insensato de um solto prazer;

entraram se em dansas diante do templo  
com alto clamor...  
Não riaes, ó filios; ouvi este exemplo.  
Rezae ao Presepio de Nosso Senhor.

Sentindo a doidece d'aquella impia turba,  
o padre da missa lhas manda intimar,  
que respeite os santos mysterios do altar,  
e a paz dos finados, que assim se perturba;

que ás trovas profanas e ás dansas dem fim,  
ou vão prosegui-las em outros logares.  
Com palmas, com risos, com chufas alvares  
os impios respondem; e aos torpes folgares  
estrepitos novos ajuntam assim.

Ruperto se abraça no fundo do templo  
em santo furor.  
Ouvi ora o resto; que foi grande exemplo.  
Rezae ao Presepio de Nosso Senhor.

— «Em nome do Padre, do Filho e do Esp'rito»  
susurrrou o velho:— «já que assim folgae,  
=folgae todo um anno.» — Palavras fataes!  
¡Occultos juizos do Ser Infinito!

Saiu todo o povo; ficaram se ali,  
danzando ás escuras em dansa hedionda;  
veiu o novo dia, durava inda a ronda,  
sem que haja de factos um só que responda  
a quem se dõs d'elles, ou d'elles se ri;

os mortos não guardam de roda do templo  
silencio maior.  
Ouvi, ouvi, filios, o horrivel exemplo.  
Rezae ao Presepio de Nosso Senhor.

Já passa outra noite; já passa outro dia,  
e as furias dansantes a mais, sempre a mais!  
vem filios, mulheres, maridos e paes,  
parentes, estranhos, e tud'á porfia

pedir-lhes, chamar-lhes; — ¡clamores bem vão!  
nenhum volve o rosto, nenhum muda o passo;  
proseguem travados no mesmo compasso;  
se um braço lhes puxam, lá vem solto o braço,  
qual lédveda massa se aparta entre as mãos;

e nem corre sangue, nem o echo do templo  
repete ais de dor;  
nem pára o remoinho; ¡terrivel exemplo!  
Rezae ao Presepio de Nosso Senhor.

Chegavam lhe aos beijos comer ou bebidas,  
e não lhes tocavam; bradavam-lhes ¡sús!  
e não se detinhã; mostravam-lhe a cruz,  
não davam por ella taes almas perdidas.

N'aquella retouca de fragua infernal,  
passaram dezembro, janeiro, fev'reiro,  
os mezes das flores, os sóes do ceifeiro,  
a quadra das frutas; enfim anno inteiro,  
até que de novo foi vindo o Natai,

e achou os ainda diante do templo  
no mesmo furor,  
mas quasi esqueletos... ¡ai, lugubre exemplo!  
Rezae ao Presepio de Nosso Senhor.

Nem gota de chuva sobre elles caira;  
o sol os tornára mais negros que o breu;  
já té ás cieturas a terra os sorveu,  
cavada, esvarrida com tal vira-vira;

e o fato e o calçado diff'rença não tem.  
Co' a praga tremenda do irado Ruperto,  
por té aos infernos se iriam de certo,  
se a benção trazida por Santo Heriberto,  
que é bispo em Colonia, salva-lhos não vem;

e'o a benção pararam, caíram. Ao templo  
os leva o pastor.  
¡Da graça divina magnifico exemplo!  
Rezae ao Presepio de Nosso Senhor.

Já são absolvidos com doces confortos;  
e á missa commungam do Santo Natai.  
Já têm brancos rostos, e as almas crytal.  
As tres logo expiram, e seia cáem mortos.

Novo entraram logo dos céus nos fatins;  
aos dez, que ficaram, tão puros, tão preates,  
tambem não tardaram as dansas celestes,  
que a seis de janeiro já entre os cypreates  
co'os nove pousavam os dez bailarins.

¡Mas lá todo á missa! corramos ao templo  
com todo o fervor.

¡Dae vós, pequeninos, as grandes exemplo  
respeitando as cousas de Nosso Senhor.

## CHAVE DO ENYGMATA

(EXCERPTO)

De tão ameno passeio na alva da vida chego de repente á escarpa d'um precipício, d'onde é inevitável o despecho para um abysmo.

Encetava eu apenas a carreira do estudo, tão menino, tão menino que o ouvirem-me já lêr, e verem-me formar caracteres, era (nunca a minha vaidade o esqueceu) um thema de admirações e de felizes prognósticos para os parentes e amigos da familia. De repente outra doença, mais terrível que a primeira, e menos esconjuravel do que ella, não paga com martyrisar-me, não contente de balança-me por um fio largos mezes entre a vida e a morte, me atira vivo para um sepulchro! Eu respirava; mas os bellos olhos, idolatras das flores e de Amalia, e vangloria de minha mil, não sabiam se havia ainda no ceo o sol de Deus! É impossivel recordar-me d'esse prazo, prazo de não sei quantas eternidades, sem que ainda agora o coração se me confranja.

Imaginal um homem á hora em que se fosse embarcar num bergantim doirado, por um mar de prata, com virações balsamicas dos vergéis da terra, cuidando já velejar horizonte em fóra para um mundo de delicias... e lançado de improviso no mais fundo subterraneo de uma torre! Esse homem tão desafortunado e desafortunado tão sem culpa, que nem ainda era homem, fui-o eu; e tanto mais sem ventura, quanto ninguém então, nem eu por conseguinte me julgava possivel a resurreição, e a sultura.

Convalesci; d'esta vez sem os socorros do campo. Tinha as forças e a idade para folgar, tinha o desejo e a precisão do movimento, da convivência, da fraternisação geral, da conquista, enfim, que pelos olhos se opera de continuo nos inexauriveis dominios da natureza e da sociedade; não podia permanecer immovel; mas o meu carcere sem lanterna me seguia por toda a parte. A ave da poesia, que me pipilava dentro, debatia-se contra as grades, quando ouvia lá de fóra estrondear a vida festival, e pelo echo deshumano das suas vozes se he revelava o sem numero de bellas coisas que até os insectos e vermes senhoreavam pela vista.

Dera-me a Providencia entre meus irmãos, um, dois annos mais novo do que eu, cuja indole sympathica inteiramente com a minha, cujos gostos em admiravel harmonia com os meus, nos constituam mais que irmãos, — duas metades inseparaveis do mesmo todo. Ardia tambem nelle a faísca sagrada. Não era tudo o palpitante do coração de cada um dentro no peito do outro; os nossos espiritos se adivinhavam de parte a parte; a nossa conversação tinha... (como hei de dizer isto?) o que quer que fosse d'um soliloquio, ou de um cantar ao echo. Levava-lhe eu a vantagem de vinte e quatro mezes mais, elle me levava a de mais um sentido. Havia equilibrio e compensação; cada um dava, e cada um recebia. Este mesmo interesse mutuo contribuia para a espontaneidade da nossa fuzão necessaria e suavissima.

Chegou a idade dos estudos. Era tempo de aparelhar com as chamadas humanidades para as sciencias. Que inveja e que tristeza, quando meus irmãos, ambos mais novos do que eu, saíram pela primeira vez deixando-me só para se irem inscrever na classe de latim! Permittiu-se-me acompanhá-los; attendi; devorei; li pelos ouvidos; corri apostas com os mais applicados. O preceptor, bom e honrado velho, que trinta annos havia professava com devoção o idioma de Cicero e Virgilio, observa a minha attenção; interroga-me curioso; reconhece e declara não ter discipulo que mais em cheio haja absorvido as suas doutrinas. D'essa hora em diante fui eu o filho adoptivo, o predilecto, o mimoso do meu entusiastico romanismo. Não só erudito de amplos cabeçadas, mas poeta, poeta elle mesmo, poeta *versus que lingua*, julgou reconhecer em mim, pelo modo como eu lhe traduzia as paginas inspiradas que elle me lia com fogo, e pela promptidão sobre tudo com que eu lhe restituia nos versos originaes os trechos que elle para isso me recitava das Musas Cezareas reduzidos a prosa portugueza, julgou, digo, reconhecer uma indole fadada para a poesia; e pos com generoso esôrpo peito a cultural.

Tratar as Musas, e em particular as latinas, é desenvolver a um tempo fantasia e sensibilidade:

..... *lecto carmine doctus amet.*

O poeta que assim cantara, logo ali se apouso de mim para toda a vida. O seu estudo, que eu nunca mais interrompi, que depois alarguei, e que ainda agora me é delicias, entrou pois como elemento energetico, tanto como as amenidades do Paço do Lumiar, e os amores infantis de minha prima, na composição misteriosa e providencial do meu verdadeiro destino, que nunca foi desde o principio, nem já agora pôde ser outro até ao fim, senão, repito, a poesia.

Meus irmãos passaram-me dentro em pouco de condiscipulos a discipulos, e o mais novo, Augusto, de discipulo a inseparavel. Que annos! que annos esses! Quem, tendo-os uma vez desfrutado, os esqueceria, em nenhum tempo, em nenhuma fortuna?! Augusto e eu, que afinal já eramos um só, fanaticos deveras com as grandiosidades heroicas, com as fabulas ridentes e floridas que nos surdiam de continuo ao excaarmos por aquelle mundo fossil e classico, pôde-se dizer que nos naturalismos romanos antes de sermos portuguezes; fomos antiquarios entusiastas na puericia; os cobres que os d'aquella idade desbarataram em doces e briquedos, convertiamol-os nós em qualquer *alfarabio* que no frontispicio nos trouxesse em dos nomes romanos immortaes, cuja ladainha sabiamos de cór, e recitavamos com veneração, desde o principio da *idade aurea* até ao cabo da *idade ferrea* e *lutea*, desde Livio Andronico até aos escriptores já christãos, ultimas reliquias do imperio e da lingua a desfazerem-se. Devoravamos tudo aquillo sem guia, sem escolha, temerariamente, mas com uma perseverança, com um affecto, com um encantamento, inexplicaveis! Escusavamos, repelliámos qualquer outro passatempo; visitas, passeios, tudo nos era enfadonho, comparado com a delicia de vaguearmos pela Italia velha, de ouvirmos os seus heroes pela bocca de Tito Livio, de entrarmos com Virgilio familiarmente no palacio rustico d'El-Rei Evandro, de nos espaiarmos com elle, Calpurnio e Nemeziano, por entre as amenidades campestres, e ouvirmos cantar Horacio num pomar da sua Tibur:

..... *ad aqve lenè caput sacra*

coroando nos como elle

..... *florè terra quem ferunt solute*

ou de escutar nos suspiros e galanteios de Tibullo, Propercio, Gallo, Catullo e Ovidio. Ovidio mais que todos nos levava traz si as vontades. (Não prego moral, historio).

A poder de lidarmos com aquella gente, aformosentada pela distancia, e tão ideal vista de cá, tudo o que não era ella, o seu viver, o seu pensar, o seu idioma, as suas festas, nos parecia mesquinho, insipido, repugante; sonhavamos acordados.

D'isso me adveui, cuido eu, e não podia deixar de ser em idade tão branda para receber cunho, uma confirmação não pouco effizaz para a poesia.

E na verdade, já que estamos conversando desenfadados, sinceros e sem armar a vanglorias, eu, por outra, já que me estou confessando dos meus peccados de poesia pratica, direi aqui (embora quebre o fio da narração, depois o atarei) que, estendendo a consideração por todo o longo e variado decurso de minha vida até hoje, não descortino em toda ella senão... (como direi isto que me não afronte em demazia!) senão um predomínio constante da fantasia sobre a realidade: uma estranheza passiva e activa dos homens, successos, e coisas do mundo, em que vivo como que emprestado, semi pagão, semi classico, semi republicano dos Gracchos, semi conviva de Mecenas, semi Titiro, semi captivo das Corininas e Delias, e com tudo isto, a esvoaçar-me sempre da poesia que foi, ou que se nos figura lá traz, para outra que lá adiante ir aos santos amigos da humanidade, aos utopistas.

December de 1861.

ANTONIO FELICIANO DE CASTILHO.



# Memorias litterarias

ANTONIO FELICIANO DE CASTILHO



ESTE este dia — 14 de janeiro de 1900 — em que estou escrevendo, e a data das minhas primeiras relações com o illustre poeta do *Amor e melancolia* e do *Outono*, medeiam quasi quarenta annos — espaço pequeno na vida do mundo, grande na vida do homem — mas, afóra duas ou tres notas funebres inevitáveis, este passado, já longo, apparece-me sereno, não tem nada de triste para mim. Quando me volto para elle, não vejo, nesse horizonte distante, que vae sempre fugindo, nem nuvens, nem sombras — illumina-o o sol ridente da mocidade.

Novo ainda, sob as arvores do meu jardim, leza o *Amor e melancolia*; — não era cedo dentro de mim para um destes sentimentos: — na minha alma abriam já as flores da primavera. Que a melancolia, essa não ponde já mais dominar um espirito como o meu, imaginativo, curioso, disperso, aberto a todas as idéas, a todas as impressões.

Empregado havia pouco, estava-me eu então a mim próprio educando, seguindo o pendor natural dos meus instinctos. Passara pelos estudos positivos na Escola Polytechnica — a geometria, a physica, a chimica, as sciencias naturaes. — Ahi ouvira as lições de mestres como Campos, Emilio Baptista, José Alexandre, dr. Silva, José Hortia, visconde de Villa Maior, e dr. Costa, e ahi tive por condiscipulos Antonio Augusto d'Aguilar, Marianno de Carvalho, Gaeiro de Vasconcellos, Xavier da Cunha, Manuel Bento, Ferraz de Macedo, l'aula Teves, Pedro Diniz, Gaspar Schiappa, Eduardo Vidal, Emilio Monteiro, Everard, e os dois filhos do poeta, Julio e Augusto, que hoje tão brilhantemente honram o grande nome herdado. Queria-me meu pae para engenheiro, mas não era osse o meu rumo. Vocação contrariada, sai da orbita que elle me traçara. Rápida como foi a impressão d'essa passagem pela sciencia, ficou ella todavia indeleavel no meu espirito, na lucta, travada sempre, entre as idéas positivas e os livres devaneios da phantasia e da arte, para onde afinal pendeu a balança. Eu nascera artista.

Relacionara-me com os da Academia — os professores, e com os outros, que o haviam de ser. Tive idéas de encetar a vida da arte, e ainda principiei a estudar o desenho com o meu velho amigo Prieto, no seu atelier do Chiado. Boa ou má conselheira, a razão disse-me que era tarde para começar, e eu obedeci aos seus preceitos. Os meus dias repartia-os entre as salas do Ministerio do Reino e os ateliers de Anunciação, de Christino, e de Souza, o gravador, na Academia. A' noite, ia continuar com elles as sessões de arte no *Marrare*, o famoso caté do Chiado, onde nos reuniamos, e onde travaramos relações.

No *Curso superior de lettras*, fundado, havia pouco, por D. Pedro V, matriculou-mo, Julio de Castilho e eu; e as artes e as lettras vieram assim occupar no meu espirito o lugar de que as sciencias positivas não tinham conseguido apoderar-se.

Em minha casa ouvia falar nos Castilhos. Travara meu pae com elles relações, depois de 1833, na volta da sua emigração em Inglaterra, se não os conhecia já antes de 1823, quando para lá partiu; tinha pertencido com elles á *Sociedade dos amigos das lettras*, de que fora director, e que se dissolveu em 1836, por occasião da revolução — a Belemzada. Depois, como impressão dos ultimos annos da infancia, recordo-me de que, das janelas da minha casa de S. Francisco de Paula, via passar os rapazes, as phalanges infantis, que vinham de Buenos Ayres, do antigo Palacio do Sarmiento, cantando alegres o famoso *Hymno do trabalho*, popularrissimo então, e que entrara na

casa do povo, entoado pela voz dos seus filhos. Tempos, que lá vão!... Os rapazinhos saíam da escola cantando!

Na livraria de meu pae havia tambem as *Metamorphoses*, as *Cartas de Echo e Narciso*, e o *Tributo á morte do Libertador*, mas não me lembro de ler senão o *Amor e melancolia*, de que tinha quatro exemplares, e eu conseguia apoderar-me de um. Os outros livros foram-me sequestrados, porque elle, como já disse, não me queria para poeta. Poetara, conhecera Bocage e toda a rodá dos elministas; na emigração convivera, em Londres, com Garrett, mas, apesar d'isso, ou talvez por isso, a vida das lettras nunca elle a viu com bons olhos, quando pensava em mim.

Por 1861 — não preciso o anno — já Castilho habitava em S. Francisco de Paula. Ahi foi o seu *Tibur*. — Eu moro num torrão, a que chamam *Tibur*; — dizia elle em uma carta a Francisco Sotero dos Reis. Sendo os nossos jardins contiguos, e apenas separados por um muro, e dada a minha amizade com o seu filho mais velho, o actual visconde — de quem era collega na Direcção Geral da Instrucção Publica, de recente creação, restaram-se as antigas relações, e eu fui recebido em casa do grande poeta com a chá e boa cortezia, com que alli eram acolhidos todos os que o procuravam. Com o decorrer dos annos essa amizade tornou-se intima entre as duas familias, a linha divisoria do muro, transposto a todo o momento por nós, veio a ser ideal, quasi uma illusão dos sentidos. Ninguém a respeitava — passavase da casa dos Aguiar para a dos Castilhos sem ir á rua: não o affirmo, mas parece-me que um dia o proprio poeta, apesar da idade, nos entrou em casa pela porta do jardim — Castilho era audacissimo; mas do que me recordo bem é que foi assim que o meu velho amigo e illustre poeta, Thomaz Ribeiro, veio um dia visitar meu pae.

Aquelle cantinho de Lisboa, na encosta de Buenos Ayres, então casas antigas — a minha datava do seculo passado, e lá muito atraz — todas ellas com quintas, alguns, como o meu, com hortas, ladeados por uma quinta — a do desembargador Teixeira de Carvalho — conservava todo elle um ar antigo e rustico. Vistas desaseonbradas, horisontes largos — descobria-se o Tejo até barra fora, e a terra para norte e sul; e aquellas duas casas — ambas na cidade — ambas rodeadas de campo — eram verdadeiramente casas para poetas!

Creança ainda, trepado a uma velha oliveira, e ignorando o perigo a que me expunha, era o meu maior divertimento então ver Manuel Teixeira, no alto da sua quinta, e o seu amigo Mathias Montauray, a aitzarem aos gaviões. E quando elles faltavam ao seu *apart*, que tristeza a minha! Muitos annos depositava eu o mesmo no meu terreno, e ninguém da vizinhança se queixava do tiroelito! Estavamos de facto no campo. Os nossos intimos chamavam a meu pae o Castilho da Amoreira. No nosso castello, que mudou de senhoria e de aspecto, visitei eu, muitos annos depois, dois amigos — o João de Mello Corrêa e o Severo dos Anjos; nelle habitou, ha pouco, o sr. João Franco, e agora, entre outras pessoas, mora a sr. condessa de Villa Real. A velha casa da *Galeria* — nome primitivo — edificada pelo medico do Infante D. Francisco, Antonio Joaquim da Costa, tem mantido, como se vê, os seus fóros, e subido até na hierarchia dos seus habilitadores — fidalgos titulares e ministros. Todavia eu gostava mais d'ella então: era nossa, e não tinha na frente, como hoje, quem lhe cortasse o horisonte.

Foi, pois, como amigo e companheiro de seu filho Julio, que eu fui recebido pelo illustre e venerando poeta. Não era litterator profissional, quasi nem artista — a lagagem era nulla. A minha estrea data de 1864; com um artigo de critica d'arte na *Revista Contemporanea*, artigo que elle ouvira ler depois de impresso, como tudo o que escrevi durante a sua vida, porque aos raros partos do meu engenho — notas d'arte, pequenos



Casa onde nasceu Castilho na rua da Torre do S. Roque, hoje rua de S. Pedro d'Alcantara, 13  
Desenho do Visconde de Castilho (Julio)



ensaios — fazia-lhes eu a justiça de os não considerar dignos de occuparem a attenção do Mestre, que aproveitaria melhor o seu tempo nas obras com que continuava a honrar o seu nome e a enriquecer a nossa litteratura. De principio a fim foram d'este modo as minhas relações litterarias com o grande escriptor.

Ouvinte, sim, não o teriam talvez lá melhor, mais assaio e mais attento; mas, apesar do critico, o meu campo era outro, naquella não metia eu então o meu arado. Academiava — que o era e de primeira ordem, pelo numero e qualidade dos que a ella concorriam — a flor dos escriptores e da gente letrada de Lisboa, e os de fora, que aqui vinham — frequentei-a com gosto — e com aproveitamento outros o dirão.



Casa onde falleceu Castilho — na rua do Sol (na Ilha)

#### Esboçemos a figura do poeta

De estatura menos que meá, muito trigueiro, a testa ampla, as boças frontaes salientes, as sobrancelhas fortes, o nariz grosso, a boca bem desenhada na sua linha sinuosa — talhada para o sorriso — toda a cabeça vigorosamente modelada — o seu perfil não tinha a finura, a correção classica d'um medalhão antigo. A expressão habitual de toda a physionomia era a d'uma alma serena e acensurada, de preferencia concentrada na visão do seu mundo interior: — a fatalidade cerrara-lhe quasi de todo as portas do exterior, e elle resignara-se a vel-o na penumbra, recomposto idealmente pelas altas faculdades com que a natureza o dotara.

Dos primeiros annos da puericia guardara vivissimas as impressões das coisas, e foi com as cores, os tons, e semi-tons d'essa paleta, que o grande artista, á semelhança dos pintores primitivos, ex-

citou os maravilhosos quadros da sua esplendida galeria. Com um dos olhos, cujas palpebras descobriam apenas uma nesga da pupilla, percebia a luz viva, e até certa idade distinguia as grandes cores, mas a isso se limitavam nelle os poderes da visão — tudo o mais eram formas vagas, confusas, sem contornos definidos. Nas ruas, por onde transitava osadamente de dia e de noite, não certo no passo e na direcção que ninguém o diria, cego, devrava-se dos trens parados, dos grandes vultos, mas em casa era necessário arredar-lhe as cadeiras do seu caminho — não as via. Era frequente encontral-o completamente só, e nos ultimos annos, não porque elle o pedisse, é que os seus filhos, o seu secretario, ou algum amigo, que sempre os teve e dedicados, o acompanhavam nos seus passeios e visitas.

Tem-me perguntado muitas vezes — pela curiosidade que inspiram todos os pormenores da vida dos homens illustres, se elle parecia triste de assim viver — quasi em trevas. Em casa de Antonio Feliciano, por sentimento filial e por natural delicadeza, todos se abtinham de falar em cegos; pela minha parte — durante uma convivencia — quasi quotidiana, de quinze annos, só uma vez o ovi referir-se ao seu estado. Entrando eu na livraria, onde elle estava trabalhando, e encontrando o só, disse-me com a voz vibrante e commovida:

— Isto de a gente ter de servir-se dos olhos dos outros é uma grande tristeza!

Era o secretario que, novato ainda nas suas funções, e deattento, lhe estava lendo mal, e escrevendo peor, o que elle dictava. A isso se limitou então o seu protesto contra a má sorte, e nunca mais lhe ouvi uma só palavra sobre tal assumpto. O escriba estava ausente.

O espirito do poeta pareceu-me sempre mais inclinado á alegria que á tristeza. Isto explica o seu amor ás creanças, e como ellas lh'o retribuham.

tambem chamava pelo diminutivo do nome — tinha as vibrações frescas e alegres da mocidade! Era o que os franceses chamam — um *charmer*. Ainda me lembro que uma noite, quando o auctor da *Payuta*, lá retirar-se — eram duas horas — elle procurou retel-o. Travou-se então entre os dois um delicioso duello de phrases amáveis e de chistes, mas Pato resistiu ás instancias do Mestre: tinhamos uma caçada aprazada, e a partida era ao romper da manhã. Quando elle saiu, Castilho, voltando-se para mim, ultima das visitas que ficara, disse-me:

— Este Pato devia trazer consigo um tachygrapho, para lhe conservar os improvisos.

Pato estava em toda a força da vida, e havia occasiões em que a sua palavra, sempre animada e colorida, era verdadeiramente deslumbrante. Saíam-lhe, em caudal, as idéas, as comparações, as imagens, os ditos espirituosos, ás vezes picantes — que elle tambem tinha lachas na sua aljava. Ainda as tem. E de cada vez era o pasmo dos que o ouviam.

D'estes assaltos fez elle muitos em lugares onde se encontravam os grandes luctadores e athletas da tribuna politica. Convidaram-no um dia para o seu tremio: elle não foi. Pois, como se costuma dizer, errou a poldra. Não seria um grande estadista — que a musa da politica não é nenhuma das Nove... Mas havia de ser um grande orador!



Jazigo da familia Castilho no cemiterio dos Prazeres

Este exercicio das letras, concentrado na cabeça, parece realmente que organismos apparente e realmente fracos, supportem uma longa carreira. Castilho deu-nos d'isto um exemplo bem frisante. De temperamento lymphatico-bilioso, baixo e magro, o seu aspecto estava longo de ser o d'um homem forte, e em novo não promettia uma larga vida. Pois teve-a, e sempre agitada — o futuro incerto, a lucta constante, o trabalho de todos os dias, mesmo quando, já no fastigio, cheio de honras e de distincções, não precisava tanto de pensar em si, e nos seus! Mas pensava na arte — a occupação dilecta do seu espirito.

Trabalhador infatigavel, que só descansou ao pôr do sol da vida, era d'uma sobriedade rara — o vegetariano; não digo *com a letra*, porque a seita é já muito antiga. Era sadio e no longo periodo de tantos annos, recordo-me só d'uma doença; mas essa ia o arrebatando, e foi da longa convalescença que datou tambem a longa e argentea larva, a formosa cabeça de patriarcha com que o conheceram as novas gerações. A physionomia antiga, a que primeiro lhe viram os seus contemporaneos, desaparecerá.



Era muito friorento, e, como outro poeta, Méry, um meridional da França, detestava o inverno. Aquelles versos

Oh! que asperrimo dezembro!  
Treme o frio em cada membro,  
se cogito, se me lembro,  
do que lá por fóra vae!

são bem d'elle. Como elle os sentiria, quando os dictou!

Na livraria, onde trabalhava habitualmente, nos dias invernosos, quando na sombria atmosphera as nuvens carregadas despediam sobre a terra a chuva, que elle açoitava nas vidraças das janelas, que davam para o jardim, o poeta mandava acender o gaz, e, calafetadas as janelas, e cerradas as portas, ahí realisava o ideal da sua temperatura! Um forno! Os visitantes extranhavam o calor — elle sentia-se bem! E proseguia alegre na faina, e no fim do dia estava contente e satisfeito com o seu trabalho. Que elle no fundo tinha razão, a forma é que era para nós um pouco exaggerada. Sem luz, e sem calor, não ha vida, nem poesia possível, na nossa terra, e Castilho era deveras um meridional. Tudo o que nelle havia de exótico não viera dos paizes frios, de horizontes baixos e densos de nuvens, viera do céu alto e luminoso da Grecia e de Roma. Como elle adorava o sol! Na Grecia seria o grande sacerdote no templo de Apollo!

Um dia, que elle ia visitar sua irmã, D. Maria Romana — disse-me: — Venha d'ahi. O dia está bonito — vamos gostar este sol!

Estávamos na força do verão. Um calor de rachar pedras! Saímos, mas á primeira nesga de sombra, que — não por mim, que já era caçador, mas por elle, — eu quiz aproveitar, apenas elle sentiu a mudança de direcção e de temperatura, protestou immediatamente!

— Nada, por aqui não. Se o não incommoda vamos pelo sol, que é melhor — e, dizendo isto, erguia o rosto, como procurando no ar o astro bemfazejo, a fonte da vida.

Pelo caminho leve-o sempre conforme o seu desejo, e se alguma vez eu me esquecia, elle corrigia, saindo logo da sombra. Um lindo passeio, e que deliciosas historias elle me foi contando! Gentes que passavam paravam, conheciam-n'o alguns talvez, e admiravam-se de certo de ver aquelles dois homens, tão diferentes na idade, conversando animadamente, rindo, e seguindo sempre pela torreira do sol! Disse-me casos da sua infancia, foi mostrar-me a casa onde nascera, e, no labyrintho das encruilhadas ruas do Bairro Alto, outras onde acontecera isto e aquillo, e a escola onde estudara latim, se bem me lembro, dirigindo-se e dirigindo-me com a certeza de um vidente! Resuscitado e evasido todo esse mundo de phantasmas, achámo nos na rua de S. Boaventura, e ahí, em uma porta larga parou, e, puchando pelo cordão da campainha, despediu-se de mim. Era a casa de sua irmã. Eu levava outro destino.

Tudo aquillo que elle fez passar diante dos meus olhos com a sua palavra, tudo eu vi, e elle também podia, á volta, dizer, como costumava: Fomos ver isto e aquillo. . . Porque elle do certo o via na immensa galeria da sua memoria, e o que lhe descreviam, se o

descreviam bem, também elle lhe dava a forma, e o via, como se tivesse sobre a figura viva, ou o objecto inanimado, os seus olhos vivos abertos! Devia ser assim. Quem ler as suas obras ha de, muitas vezes, admirar a belleza das descrições, a nitidez, e exactidão dos pormenores.

Silva Tullio era um dos seus velhos amigos, e o poeta frequentava-lhe a casa. Ao erudito academico tentavam-n'o essas pequenas invenções, os engenhosos mechanismos de uso domestico, que a industria estrangeira está sempre compondo e exportando. Curioso de todas as novidades, Castilho, se acertava na sua visita encontrar alguma d'essas, pedia para a ver. Davam-l'ha para as mãos, elle apalpava-a, percorria todas as engrenagens, todas as peças, e punha as em movimento. Depois, em casa, ouviamos nós a descrição minuciosa da pequena machina, feita com tal clareza, que a ficavamos conhecendo, como se elle a tivesse visto! E as mãos, com os gestos adequados, iam acompanhando a palavra no seu movimento descriptivo!

Falei dos seus olhos. Eram azues ferretes — um azul vigoroso, e, coisa singular! do mesmo tom dos de Herculoano, cuja tez era branca, levemente corada. O auctor do *Evrico* era um nervoso-sanguineo.

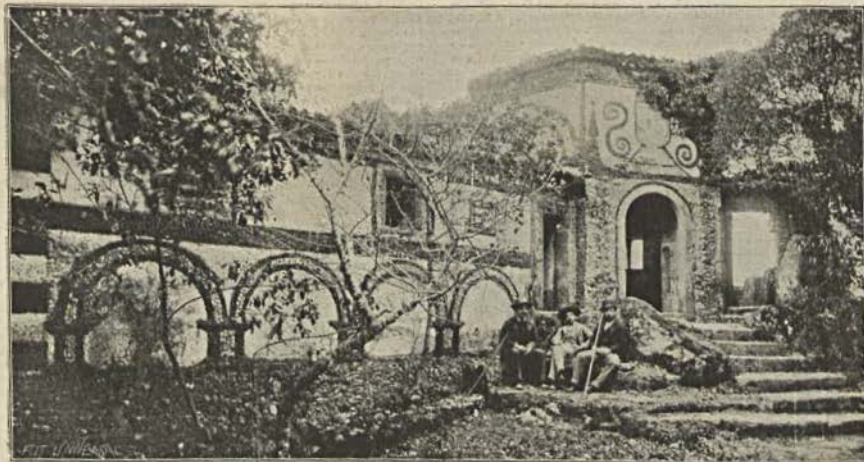
Já privado da vista, na adolescencia, para se distrahir, Antonio Feliciano modelava pequenos objectos em cera, e era notavel a extrema semelhança das imagens — tão fino o tacto, tão correcta a sensibilidade das mãos do que veio a ser depois tão grande artista na plasticas da palavra!

Dos tres grandes homens das letras portuguezas neste seculo, dos tres vultos immortaes, o mais genial, o mais rico de facilidades, o mais brilhante, o mais mundano, foi Garrett; o mais viril, o mais estoico, o mais profundo, foi Herculoano; o maior dos tres como escriptor, como mestre em todas as perfeições e difficuldades da lingua, mestre e superior na prosa, mestre e superior no verso — a lingua nacional é nelle tão abundante; tão vasta, tão profunda, que parece um mar, para onde correram todos os rios! — o maior, digo, sob este ponto de vista, foi Castilho.

Não lhe faltava, como aos outros, também, o conhecido *genus irritable causae*. O lago sereno, e reflectindo aladas phantasias, transformava-se rapido em oceano tempestuoso, a voz amena e cariciosa trovejava! Sensível e bilioso era irritavel, e então os seus adversarios sabiam logo com quem as tinham! A lyra fazia-se arco, e as flechas de Apollo crivavam de golpes os escorchados Marsyas! Conhecia-o na apothose, no ultimo quartel da vida. Grande sacerdote da Arte, foi um apostolo, e portanto um lutador. Atacado assistiu á batalha travada em volta de si, e, se algum dia a tristeza o acommetteu, devia ser pelos outros, que elle bem sabia, na consciencia, que a sua obra, como as de Garrett e Herculoano, já era immortal.

ZACHARIAS D'ÁÇA.

## Bussaco



Vista lateral do mosteiro







# A festa do Instituto D. Affonso

## no Colyseu dos Recreios



Rainha D. Maria Pia

Infante D. Alfonso

Derros de assentes as bases para a criação do Instituto D. Affonso, que representa na intenção philosophica social a reabilitação para a vida, minorando as condições moraes para a lucta, de creaturas atiradas para o mundo sem arrimo, sem o alento creador da familia, tocados d'uma infelicidade producto do cumprimento do dever e da honra, abriu-se como uma subscrição publica appellada de festa de caridade: um sarau no Colyseu dos Recreios.

O programma era de todo o ponto suggestivo para aguear a curiosidade do nosso bom publico caritativo, e para chamar a attenção a todo esse bando de espectadores *gourmets* d'uma festa organizada com programma previo e com certos numeros cheios de novidade e interesse.

Sua Alteza o Sr. Infante D. Affonso não só prestou o nome ao Instituto, como tambem resultante do seu trabalho activo conseguiu formar um nucleo poderoso de artistas e pôr em alarme Lisboa até á hora em que o espectáculo devia começar.

A fina flor dos nossos *sportmen* concorreu com o *chie* aperitivo dos seus numeros d'eleição e a par da equitação, vóos e esgrima, houve a nota interessante das caricaturas instantaneas de certos vultos de Arte, ora em destaque n'esta elaboração do meio.

A tocar de esperanças e de vivo enthusiasmo esta festa, junta-se a sagrada figura de S. M. a Rainha D. Maria Pia que arvorou mais uma vez o pendão da sua grande alma tecida de ineffaveis meignices, para minorar desgraças, pois já no anno passado promoveu essa inolvidavel toirada onde um grito do passado ecoou na arena do Campo Pequeno.

Sempre estas festas fructificam em alegria no espirito do nosso publico, que concorre a ellas em prol dos infelizes e dos abandonados.

A criação do Instituto era ne-

cessaria não só para coroar na descendencia os deveres dos parentes; mas ainda como exemplo moral de abnegação e honra que constituem o mais brumido brazão na lapella do militar.

Assegurando condições de educação aos filhos dos militares mortos em lucta pela patria, não só representa um galardão prestado a memoria honesta dos que partem, como tambem um esforço, uma alta alegria e um incentivo supremo, para os que rompem sem esperanças e sem alento na vida.

A familia Real portugueza hasteou na bandeira da sua arvore genealogica este brazão bendito e santo: — a Caridade.

A attestal-o, essas innumeradas casas de educação, institutos e asylos, que a mão regia abençoou do alto da sua nobreza, com o obulo e com a abnegação incondicional das suas attentões.

Nunca raiou um dia no Paço sem que as nossas Rainhas não trouxessem para a elaboração diaria um novo projecto feito de felicidade e amor, para minorar situações e fructificar esperanças.

Almas feitas de bondade, corações vivendo de alegrias alheias e tentando esperanças onde a morte para ou a desgraça espreita! Suprema ventura a de todos esses infelizes que reconhecem submissos d'onde a sua alegria parte e quantas bênçãos espargem nas orações da sua vida.

O Instituto D. Affonso está lançado nas suas bases creadoras, os primeiros planos dos trabalhos estão architectados e cremos até que algumas raparigas já começaram n'elle a sua educação. Que o futuro saiba consagrar, de paz e de venturas, quem tem sabido tecer de esperanças e crear um recanto de familia a tantos desventurados atingidos pela desgraça, pelo vicio e pela miseria.

A festa de domingo, 16 de janeiro, ali fica a attestar tudo quanto temos vindo dizendo. O aspecto da vasta sala de espectaculos era intensamente curioso e, a par da ornamentação *che* e garrida dos camarotes, esse grito da moda nas figuras da nossa primeira sociedade que sempre concorrem com grande boa-vontade a estes *rendez-vous* da Elegancia. Lisboa toda lá esteve e o espectáculo não só foi coroado de successo pelo que respeita a producto liquido, como tambem o foi, no valor artistico, sendo applaudidos todos os que n'elle brilharam com os seus trabalhos.





## A expedição portuguesa ao Nyassa Combates contra os regulos Kuamba e Mataka Dificuldades da marcha para o interior

**A** MARCHA e a lucta heroica travada em África, contra o gentio e os elementos nativos, por esta última expedição portuguesa, constitue evidentemente um feito épico, nos tempos de hoje, de dedicação, resistência e bravura, e de vantagem enfileira portanto entre os mais gloriosos, legítimos e perduravelmente grandes padrões da nossa historia.

Não iremos agora aqui fazer rhetorica, nem, perante essa brilhante campanha cujo êxito succediu a uma vibrante, e patriótico orgulho todos os verdadeiros corações de portugueses, alinharíamos o costumeiro arsenal de phrases encomiásticas, tornadas já banhas de tanta vez que, fellemente para o lacre da nossa bandeira, e exercito portuguez tem mostrado haver direito a ellas. Limitar-nos-hemos a uma succinta exposição dos factos.

Havia muito que, nas regiões do norte do Zambese, as repetidas incursões do Mataka e outros regulos, seus sequazes, nos incommodavam áridamente. Tí-nhamos mesmo, além d'isso, que vingar as prematuras mortes dos bravos tenente Vallem e aspirante Almeida, barbaramente trucidados por aquella gente, que de emboscada e de surpresa quando elles iam cumprir o seu dever... E como, depois do valente impulso dado por Mousinho de Albuquerque, a effectividade do nosso dominio em Africa não mais devia afrouxar, ordenou o governo que de Moçambique se guesse para o norte um tropo da expedição, que procurasse de vez reduzir aquelle regulo á obediencia.

Ora na Africa oriental portugueza achavam-se ao tempo, destacadas da metropole, duas companhias do regimento de infantaria 5, sob o commando do major Manuel de Sousa Machado. Tinham estas forças des mezes já de assistencia em Africa; quizer d'isso, pertencia-lhes por escala o breve regresso a Lisboa. Não obstante, o serviço da nação impunha-se acima de tudo, e a companhia que estava de serviço em Lourenço Marques, e era do commando do capitão Bracklamy, — que lá ficou! — recebeu ordens de marchar.

Em 20 de junho embarcaram as forças em Lourenço Marques, com destino ao Chinde. Comandava o major Machado, que levava sob suas ordens 250 europeus, 50 angolas e 2 peças de tiro rapido. Era pouco, era um effectivo quasi insignificante, este que assem treparosamente emprender um percurso de 600 kilometros para o interior, em terreno hostil e exaustivo de inimigos. Os cypreses que agressões não poderiam supprir as baixas profundas pela fadiga e as lesões. Entretanto, marcharam, decididos e contentes, animados d'essa illuminada fé que sempre o grande alento propulso das maiores empresas.

Tocarão o Chinde em 23 de junho, n'esse mesmo dia seguiram para Chilomo, e Chilomo, embarcados ainda, a Milange, onde apraram em 25 de julho.

Aqui fez Machado a sua base de operações e iniciou a penosa marcha por terra, que, para todas as difficuldades que, por poucos dias apenas, foi tranquilla. Com effecto, logo no dia 12 de agosto, por tres vezes foram atacados a tiro pela gente do regulo Kuamba, sem poderen bem atinar d'onde vinha o fogo, porque os negros, entrincheirados nas pedregosas vertentes d'uma grande serra, faziam fogo e escapavam-se por caminhos 46 d'elles conhecidos. Alguns dos cypreses nossos ficaram feridos e escaparam-se por caminhos 46 d'elles conhecidos. Alguns dos cypreses nossos ficaram feridos e escaparam-se por caminhos 46 d'elles conhecidos. Alguns dos cypreses nossos ficaram feridos e escaparam-se por caminhos 46 d'elles conhecidos.

No dia 25, o inimigo viu-se obrigado, para nos hostilizar, a avançar a descoberto, e que permitiu então que a expedição lhe fizesse duramente sentir o effeito das nossas armas. Ficaram muitos mortos e feridos, e o resto latou em retirada. No dia 22, novo encontro, apresentando-se então em grande numero a gente do Kuamba. Porém, depois de hora e meia de arduo fogo, batiam em retirada, deixando a sua linha de fuga, — a qual foi no dia seguinte a directriz da marcha da expedição, — assignalada por um rasto de sangue.

Estes successivos ataques impunham agora á columna portugueza o cuidado de avançar com extrema precaução. Assim, no dia 23, antes de se interessarem no campina e atravessarem os successos, reconheceram os nossos milites as immedições, fazendo algumas descargas de infantaria e varios tiros com

granadas. O gentio, se bem que escassamente e de longe, incomodava-os sempre. Nesta disposição chegaram os nossos até á margem do rio Metacul, que tinham que atravessar, o que não lhes foi facil.

Os negros do Kuamba haviam-se encoberto e entrincheirado mesmo nas vertentes do rio, que lá rócou, cessando o fogo, quando porém os nossos atingiram, em baixo, a margem, recommearam logo a sua fuzilaria, que, apesar de ser feita com armas de carregamento pela bocca, era muito regular e nutrida. Parecia até, que o numero dos atiradores era muito grande, ou que estes se alternavam, fazendo um fogo enquanto os outros carregavam as armas. A situação dos nossos tornou-se assim difficil. Tiveram de formar quadrado, e passar lentamente d'uma para a outra margem, através d'um caminho, especie de váu, muito estreito, e a coberto d'uma secção de artilheria e outra de infantaria, que se tinham rapidamente deslocado para a frente. Mas afinal, depois de tres horas de fogo, estavam senhores da outra margem, e a numerosa gente do regulo debandava, deixando o campo juncado de cadaveres.

No dia 24, temaram ainda em nos atacar, sempre sem resultado. Finalmente, no dia 25, apoderaram-se-lhes os nossos da povoação principal, que foi arrasada.

E immediatamente seguiu o major Machado e os seus para Napol, donde chegou a 10 de setembro, aguardando reforços para continuar a marcha e o bater o Mataka. A Napol chegou ainda, debilitadissimo e de morte decorado pela febre, o infeliz capitão Bracklamy. D'aqui porém era evidente que elle não poderia passar; tinha de fatalmente retroceder, visto com a doença não lhe consentia continuar a acompanhar os seus camaradas n'aquella vida dolorosa de abnegação e de gloria... Assim, quando deviamos appropriação, a expedição, já muito reduzida, continuou para o norte, vendo-se obrigada, — que tormente lance! — a deixar all o pobre capitão, que veio morrer a Zomba, n'um hospital inglez, entre diferentes e extranhos, sem a amarga consolação de que se teria so menos, a cerrar-lhe definitivamente os olhos, a mais piedosa d'um seu compatriota!

Mas, de resto, foi bem fertil em contrariedades, em perigos, em desgostos de toda a ordem esta memoravel marcha e campanha contra o Mataka. Aonde iria parar longe este artigo, se nos propozessemos referir-nos todos!

Por agora, basta que dignemos o seguinte. Especificava em Napol a expedição, ha muitos dias já, mantimentos e viveres. Estavam positivamente á beira de recursos. Faltavam as munições, não havia que comer... N'isto, apparece semim um tropo grande de carregadores; descarregam-se com satisfação as provisões. Mas este grande gaudio logo se transformou n'um descontentamento ainda maior, porque... havia esquecido o sal!

Os officiaes de infantaria que tomaram parte n'esta gloriosa expedição, foram, além do major Machado e capitão Bracklamy: o tenente, Jorge Perestrelo Pestana Velloso Camacho, que ficou commandando a infantaria, de Napol para o norte; o tenente alido, Alberto Salgado, alferes quando sahira de Lisboa; o tenente medico, João José Peres Ponça e Sanches; e alferes ajudante, Fernando Augusto da Costa; os alferes, João Pedro Chimaço Marques e José Maria Paes de Sousa Andrade; e o alferes da administração militar, Almeida Castello-Branco.

Falta-nos dizer algumas palavras da segunda etapa da campanha, o ataque ao Mataka, de que allis já ali se têm occupado largamente os jornais. Fica para o proximo numero.



Major Machado  
(Childe de A. B. de Silva)



O grupo de officiaes expedicionarios







## Typos e Costumes



Uma creoula da Bahia, EM TRAJE DE FESTA

## CONTOS PEQUENOS

I

— Eh! ti Manel!

— Deus te salve, rapariga!

E seguiam os dois, azinhaga fóra, elle com a enxada ao hombro, ella guiando o rebanho para as pastagens da serra, até á bifurcação do caminho.

— Adeus, ti Manel!

— Vae-te com Elle, mulher!

Eram as palavras que trocavam quasi todas as madrugadas. Depois separavam-se, ella atraz das cabras, elle ralado de saudades. Oh! as saudades que o Manel das Quintas, um rapagão como umas casas, sentia pelo concho da sua cama de milho, só elle sabia, elle e mais a estrella de alva que não se fartava de luzir lá para as bandas do levante.

Se lhes parece! Deixar assim sem mais nem menos o calorinho dos lençoes, onde a sua Magdalena ficava muito aninhada, para ir por esses carreiros além, patinhando o orvalho das hervas só por causa das lavoiras!

Elle, o gallo rabão e a pastora eram os tres madrugadores do sitio.

II

— Leva arriba, homem! Olha que já é quasi dia!

Era a Magdalena quem sempre o despertava.

O Manel abria os olhos, vestia-se a suspizar, punha um beijo cantado no pescoço roliço da mulher, e aia, que se faz tarde!

Depois a porta da casa fechava-se, os campos reciam no mesmo silencio, e o rabão empoleirava-se de novo entre as suas pacientes noivas, sem se importar com a estrella de alva que esmorecia a tremellicar lá para as bandas do levante!

— Eh! ti Manel!

— Deus te salve, rapariga!

E d'aí a nada ouvia-se lá em cima nos correjos estreitos das vertentes da montanha a voz da pastora cantando umas cantigas frescas, que esvoaçavam pelos echos estremunhados dos valles.

III

Tinha pouco menos de dezeseis annos a pastora, uma morena de olhos vivos, crestada pelas soalheiras, e com uns cabellos pretos que mal se abarcavam ás mãos ambas. . . Mal luzia o buraco, ellaahi ia com as suas orelhinhas para os altos dos cabeços, cantar ao sol, de sociedade com as tatinheiras e os pintaasilgos; e só de lá voltava á noite.

Passavam-se mezes que ella não descia aos povoados, que mal conhecia. Era uma ingenua, ignorante do bem e do mal. O amor. . . Hum! Sabia lá o que era amor. Virtude. . . Outro palavrão. Dever. . . Mysterio. Deus. . . Um enigma. Liberdade. . . Oh! a liberdade sim! A liberdade conhecia-a ella desde pequena. As suas afeições eram as sombras dos pinhaes, os horizontes amplos, as verdades mysteriosas, as hervagens, os ninhos, as cabrinhas e o tio Manel, que se habituara a ver todas as madrugadas ao luzir da estrella de alva.

E não se passava um dia sem se encontrarem, não.

— Eh! ti Manel!

— Deus te salve, rapariga!

IV

Um dia, já o sol espreitava os valles, quando a pastora accordou.

— Eh! diacho!

E muito arrelhada, correu ao redil e fez sair o rebanho. Era a primeira vez que o sol a apanhava a dormir, a ella que madrugava com os pardaes.

De ali a nada avistava a casa da Magdalena.

— Eh! diacho! o tio Manel lá vae! aquillo é que é! aposto que já anda agarrado á raboça do arado! E eu ainda aqui!

E fez trotar o rebanho pela encruzilhada fóra.

Mas parou logo muito surpreendida, com um meio sorriso de troça triumphante para o Manel, que ia saindo de casa, muito á pressa.

Não fóra, pois, ella só a dorminhoca, não! Tambem elle se deixára ficar na cama com dia fóra!

A pastora estugou o passo.

— Eh! ti Manel!

Mas o — olá rapariga! — de todos os dias, não se fez ouvir. O homem voltou a cara, e soltando o cavallo, foi-se, carregando a aba do chapéu. . .

Não era elle que saíra de casa da Magdalena. . .

A pastora olhou para a porta da azinhaga; estava fechada: interrogou a estrella d'alva; tinha se sumido para as bandas do levante: encarou o rabão; esgaravatava com grande indifferença a terra humida. . .

Ficou assim um momento, attonita, muda, esforçando-se por ver claro n'aquella treva que vendava a sua innocencia de dezeseis annos.

— Eh! diacho!

Um raio de luz muito frouxo traspassou-lhe o espirito, e a pastora sentiu então no fundo da sua alma virgem um não sei qué mal definido de compaixão pelo ti Manel das Quintas. . .

LORIS TAVARES.

## Finança, Commercio, Industria

Francisco Gonçalves da Costa Porto



**E**us dos portuguezes que no Brasil honram Portugal. Dedicacão e honradez é o lemma que adoptou na vida a que se tem consagrado, e em que presta ao commercio do Brasil e de Portugal assignalados e relevantes servicos.

Socio em Manãos da firma Gomes, Porto & C.ª, da qual foi fundador, reside na laboriosa capital do Amazonas ha vinte annos, estando desde 1862 no Brasil.

Ao Porto, a terra em que nasceu, tem um amor desvellado, e exaltal-a, contribuir para engrandecel-a, é o seu maior anheho.

Nervoso, intelligente, activo, o coração aberto

para quantos portuguezes sollicitem o seu valimento, Francisco Gonçalves da Costa Porto, é a prova viva de que o portuguez ausente, quando tenha pela sua patria o culto que um filho pode ter por sua mãe, attinge não raro as proporções de um benemerito.



# THEATROS

## Gymnasio

O Salta Pocinhas

Espiritosamente vertida por Moura Cabral, para a nossa lingua, a comedia-charge de Silvane e Gascoigne está fazendo carreira no Gymnasio. E nunca exito foi tão justo porque nunca se juntou tanto a graça do dialogo e comico das situações.

Fez bem o actor Cardoso em escolher essa peça para a noite da sua festa. No papel que lhe coube brillam á vontade a sua veia comica, que tem o privilegio de provocar sempre a hilaridade aos mais sombaticos, atravez de uma gravidade no modo de dizer, de uma compositura e seriedade no gesto, que é realmente o caracteristico da sua corda artistica.

Dos tres actos do *Salta Pocinhas* o mais bem feito, o que mais abunda em situações desopilantes, o que tem o publico em gargalhada constante, é sem duvida o segundo. Acto feio por mão de mestre, cortado de episodios qual d'elles mais engraçado e imprevisto, e sobressaindo a todos o d'aquella situação unica, em que Telmo e Cardoso trocam o fato em scena, para o primeiro se disfarçar, deixando o outro entalado, situação de tal ordem que ha perigo de não chegar ao fim, abafada pelo riso espontaneo e estridente que rebenta de todos os lados da sala.

Telmo aperfeicoa-se na sua arte de dia para dia. E' dos actores que mais tem procurado aprender e adoptar os processos simples, a forma de reproduzir a verdade na sua maxima simplicidade apparente, e hoje dos poucos que melhor sabem occultar as *façanhas*, e que mais effeitos consegue tirar sem sublinhar demasiadamente as palavras, sem annunciar com foguetes e estalidos, á similhaça de tantos outros, a intenção do que diz. O papel, deveras comico, que acaba de desempenhar no *Salta Pocinhas*, confirma e exemplifica esta affirmacão, decerto garantida por quantos tem apreciado o seu magnifico trabalho na espirososissima comedia franceza.

A Barbara, a Juliana e a Soller, foram confiados os outros papeis importantes do *Salta Pocinhas*, e o desempenho d'elles, fazendo resaltar o espirito da comedia, e dando grande harmonia ao *ensemble*, em larga escala contribue para as ovações que a autores, traductor e artistas, são feitas todas as noites pelo publico do Gymnasio.

Rua dos Condes

O Poeta de Xabregas

E' a ultima peça original de Eduardo Schwalbach, actualmente em scena na Rua dos Condes. Ao contrario de todas que a antecederam, e já são muitas as que constituem a galeria d'este fecundo escri-

ptor de theatro, *O poeta de Xabregas* não tem a marca do autor. E' possivel que esta phrase provoque reparos, acima de tudo por não ser comprehendida ao *premier abord*. Indispensavel, portanto se torna explicata.

Não tem a marca do autor, por que Schwalbach despiu a sua individualidade, da qual veste com abundancia todas as obras que saem da sua penna, para deixar fixados com rigor alguns traços de uma época que, não obstante estar pouco afastada da nossa, não tem com ella absolutamente nenhuns pontos de contacto.

Assim, a sua propria graça, tão do nosso tempo, com um sal tão moderno, mais franceza do que nossa, a sua graça ficata de todo deslocada n'aquelles personagens, e por entre aquelles costumes, com os quaes elle procurou simplesmente mostrar-nos o que foi o seculo XVIII, fradesco, beato, ignorante, amorudo e exaggeradamente piegas.

Esta preocupação de seguir a época com todo o rigor e não ir alem do espirito sorna ou pueril que a atravessa, se por um lado revela uma honestidade litteraria muito para louvar, por outro lado prejudica grandemente o effeito theatral, que seria completo e seguro,



Scena do 1.º acto do Poeta de Xabregas



GIUSEPPE DE LUCCA  
(De S. Carlos)



Scena do 2.º acto do Salta Pocinhas

se Schwalbach não caprichasse em apagar de todo a sua individualidade caracteristica.

A figura mais interessante da comedia-opera é o poeta de Xabregas, Fr. João de Nossa Senhora, que, pelo que d'elle nos trouxe a tradição, mais parece copiado ao vivo. Mas essa mesma figura de frade popular, bonacheirão, eleva das raparigas que lhe dão beijos, e gaudio do rapaz que o não larga, pregador das ruas, ingenno e crente, essa mesma figura não tem nenhuma feição theatral, pouco interessa o publico. De forma que chega a supprir-se que melhor faria o actor em applicar o talento e a observação ao estudo de outra figura, mesmo arrancada á historia, que tivesse mais provaveis condições de exito no theatro.

Não chegam a ser reparos, são considerações muito ligeiras, que apenas esboçamos aqui, como contraprova do muito que apreciamos e valor de Eduardo Schwalbach.

Com tanta honestidade, tambem, estudou Valle este papel, fora do seu genero e do seu feito, e com tal correcção o desempenhou, que lhe aconteceu o mesmo que o



PIPIELEY



O ACTOR VALLE  
No Poeta de Xabregas





ACTOR CARDOSO  
(Do theatro do Gymnasio)

do auctor: não deixa transparecer n'elle a sua individualidade artistica. Se se convencessem ambos de que o publico quer menos historia e menos rigor, contanto que o saibam emocionar, aprenderem o bastante.

O entredo é complicado, com merito de ser genuinamente portuguez, a musica de Filippe Duarte é repassada de inspiração, e, como composição, tem o cunho de mestre, os quadros scenographicos da

epoca são suggestivos e comprovam, especialmente a feira do primeiro acto, o valor de Galhardo para trabalhos de pintura historica no theatro, e finalmente os artistas que alem de Valle, se encarregaram da operetta, deram um excellent desempenho, salientando-se Mercedes Blasco, no papel de Manoel, Jesuina no de Perpetua, Lucey no de Petronilla, sendo muito notavel na parte que cantou, Silva Pereira, Gomes, Roque e Emilia Rochedo. O poeta de *Xabregas* está posto em scena com propriedade historica e esmero artistico.

## Colyseu dos Recreios

A companhia de zarzuela que actualmente trabalha no palco d'esta sala vastissima e que é dirigida por D. Juan Molina, se não é completa em todos os elementos que devem constituir uma companhia d'esta natureza, representa contudo um verdadeiro *tour de force* para quem conseguiu contractal-a e trazer-a a Lisboa, porque nunca é de mais dizer e repetir que a coisa mais difficil e mais cara hoje em dia é trazer a Lisboa uma companhia de theatro.

Pois a empresa do Colyseu venceu todas as difficuldades, e affrontou todos os riscos, mas conseguiu dar-nos uma companhia de zarzuela, onde ha artistas de merito.

Não se parecem com os versos de toda a gente por não soffrerem nenhuma influencia de qualquer poeta-mestre predilecto.

Esta tutela é, muitas vezes, a razão de ser de alguns escriptores dependentes. O Hervo teve multissimos bianctos... até entre nós! São estas a que Nordau chama *contrafactores*.

Houve uma epocha em que se chegou a confundir o talento com a eccentricidade e se concertou que todo o original realisava uma bella crystallização de arte ainda que ella fosse o mais estrabica possível, ainda que ella viesse adubada com todas as exquisites. Mas não tardou a pôr-se em debandada todos estes graphomanos, porque tal problema artistico participava de todos os defeitos das outras escolas transactas sem nenhuma das qualidades d'ellas.

Os versos de João Saraiva não deixam entrever nenhuma destas crises e, porisso, sem obices, em que se esgarçasse a expansão natural, têm para nós o encanto de se tornarem espontaneos, porque são impressões digitas as que se não separam no seu recente livro.

O auctor da *Mocidade* é conhecido ainda por varias satyras que fizeram as delicias dos seus admiradores.

Conhecemos algumas dessas composições inéditas que nos mostraram o temperamento dual do poeta que na satyra é feliz, concenitoso e consciencioso... porque a sua graça não amolla, faz fir sem azedume e sem colera.

Pelo que toca ao livro tiramos ao acaso este tercetto de uma simpli cidade encantadora:

*Meu coração respandee  
Como se fosse Sankhara  
Em suas mãos o tivesse!*

Verdadeiramente bom e simples!

E do mesmo modo a *Oração á Sankhara da Esperanza*, a *Fandeirola*, a *Casta*, *Pura*, etc., composições que muito naturalmente extremamos deste livro muito equal, todo uniforme.

Não se vê por elle uma orientação rasgada, a par e passo dos grandes problemas estheticos dos tempos que vivo correndo, mas não é isso nenhum peccado, visto que a intenção unicamente lyrica se não transvestiu nem com leituras suggestivas que o possessem fóra do temperamento do auctor e da sua maneira de sentir pessoal, nem houve abandono, de começo ao fim, da linha geral do livro que obedece principalmente a uma these de coração com a qual todas as psychologias se dão admiravelmente.

Não parece ter lido Musset e, contudo, se com algum se pudesse parecer era com este a que mais se podia adaptar o seu temperamento.

Como o poeta fica, em geral, pela qualidade e não pela quantidade, basta muitas vezes uma estrophe para documentar uma alma de artista. E' assim que Gomes Leal, tendo pedagos de genio, realisou uma obra inferior aos seus meritos, como disse Moniz Barreto, ao passo que Junqueira sobrepouja as qualidades que tinha, fazendo uns trabalhos superiores ao seu talento, apesar de lhe faltarem duas qualidades immanentes ao verdadeiro poeta — o sentimento e a phantasia!

A intelligencia distribue-se pela affectividade e d'ahi o poeta é quasi sempre um affectivo. Poetas que perturbem — são raros, poetas que unam o sentimento com a intelligencia, como Anthero, são rarissimos.

O lyrismo é a unica forma poetica que tem razão de subsistir e toda a impressão recebida de Schiller, de Heine e de muitos outros que mais falaram á synthese affectiva, é mais susceptivel da comprehensão nitida do que a extranha arte poetica de Verlaine, de Baudelaire e dos altissimos torturados de grande talento.

A poesia deve ter uma grande relação com a vida dos sentidos. Assim, desde que o poeta se enteeja e diga esse estado d'alma, — *um symbolo dentro de uma realidade*, a impressão d'Arte é sempre muito mais humana, muito mais do coração d'a especie.

A poesia é soia do sentimento e os poetas verdadeiros são aquellos que executam essa maravilhosa arte do amor-amor.

Cada poeta deve ter no fundo da sua alma — uma mulher!  
E é nesta renque que podemos grupar o auctor da *Mocidade*.

AFONSO GATO.



Mocidade. — João Saraiva — Imprensa Portugeza, Porto, 1899.

Na ala dos affectivos, daquelles que jogam com o coração, como se a vida lhes seja um epithalamio perenne, o poeta da *Mocidade* espazae a sinceridade florida por sobre tudo que o rodeia, querendo amar quanto está dentro de sua visão de enamorado e de seismador.

Dir-se-hia que nesse optimismo aurirosado em que encontra o esplendente scenario do mundo vegetal, que o commove, ha notas crystallinas que só junto a elle pôde atacar:

*A mulher é mais bella ao pé da Natureza,* dizia o poeta das *Claridades do Sul*.

É João Saraiva este do mesmo modo. Cada rythmo deriva-lhe de uma côr, cada verso completa-se-lhe com um sorriso perfumado de uma rosa, onde vê a imagem de um coração que bate como o seu. Faz do pantheismo uma ideia muito alcaudorada, porque nesses idyllios subjectivos encontra ternos agradecimentos para com os vegetaes coloridos, por cujas nuances se gradua muitas vezes o estado da sua alma.

Não pôde dizer que edade tem João Saraiva quem ler os versos que elle escreven como se fóra um noivo contando na linguagem das estrellas o sentimento de que está possuido.

O reguinte d'esse amor todo nupcial e extremo pôde entender o sómente Aquella para quem elle deixou nas entrelinhas um vago deliciozo que tantas vezes se não pôde exprimir em palavras...

Mas parece ter vinte annos este livro! Vinte annos com a felicidade na alma, com a esperança a rebenotar dos olhos — toda uma erupção de maravilhas floridas que é lindo conceber em estazes decorados, em sonhos raios feitos uma só vez na vida e tantissimas lembrados repetidos, quando se começa a saber compôr a aria da saudade:

*O coração ainda vai latendo,  
Mas já não é o mesmo coração!*

Ainda não ha como uma mulher para comprehender um poeta enternecido! O carne é para ella um ritornello querido a que estão subordinadas todas as outras coisas, porque o lyrismo é a expressão mais rente da caricia, aquella que mais se humanisa e se abeira da alma collectiva, que no fundo tem sempre um teclado de poesia.

O poeta, que, em vez de se dirigir primeiro ao sentimento, demande o raciocinio, pôde ser muito admirado, mas não consegue andar de bocca em bocca, nos labios infantis, nas almas das mulheres, cuja intenção é sentir *ou premier abord*.

Ora, como na *Mocidade* se adivinha logo a alma do poeta denudada na singela emoção e a expressiva linguagem attinge a gamma dos sentimentos provocados, o effeito é seguro e immediato.

Todos os versos se lêm sem um rythmo torcido de amarguras ou pejado de pessimismos que nos venham dizer que a vida é má, que a dor é tudo!

E assim: *Uma doce visão do meu amor — mais nada!*

Italo é do nosso tempo, tem a nossa edade, com o proveito de armar e decadencia da epocha que vae de negação artistica.



João Saraiva



# BRASIL-PORTUGAL

Composição e Impressão  
 Texto e capa: Companhia Nacional Editora  
 Largo do Conde Barão, 30  
 Páginas supplementares: Off. Estevão Nunes & F.ª  
 Rua d'Assumpção, 18 a 24  
 Romance: Typographia Castanheiro  
 Calçada de S. Francisco, 13

REVISTA QUINZENAL ILLUSTRADA

Directores  
 Augusto de Castilho, Jayme Victor, Lorjô Tavares  
 Editor  
 Luiz Antonio Sanchez  
 Redacção e administração—Rua Ivens, 52  
 LISBOA

## ASSIGNATURAS

ESTADOS UNIDOS DO BRASIL		PORTUGAL	ILHAS, AFRICA E ESTRANGEIRO
Anno.....	(moeda brasileira.....)	Anno.....	Anno.....
Numero avulso.....		6 mezes.....	6 mezes.....
		3 mezes.....	3 mezes.....
		Numero avulso.....	Numero avulso.....

## SUMMARY

Castilho—*Brasil-Portugal*.  
 Chronica—*Os meus trabalhos*—Bamalho Ortião,  
*Saravá corda*—Thomas Ribeiro.  
 O Esculpitor e o Poeta—  
*A lenda das bailarinas*—A. F. de Castilho.  
*Chave do enigma*—A. F. de Castilho.  
 Memorias litterarias—Zacharias d'Aça.  
 Chronica d'outros tempos—*As touradas*—Pinto de Carvalho  
 (Tnop).  
*A expedição de Matuca*.  
 Notas da quinzena—Alfredo de Mesquita.  
 Contos pequeninos—Lorjô Tavares.  
 Francisco Gonçalves da Costa Porto.  
 Theatro—Jayme Victor.  
 Bibliographia.

### Páginas supplementares

Os nossos correspondentes.  
 O regresso de Lorjô Tavares.  
 Curiosidades.  
 Sciencia facil—Oreval.  
 Recetas.  
 Horas d'ocio—F. A. de Mattos.  
 CARTAZ DA QUINZENA

28 ILLUSTRAÇÕES

## OS NOSSOS CORRESPONDENTES

A empresa do BRASIL-PORTUGAL tem já os seguintes representantes:

### No Brasil

RIO DE JANEIRO e S. PAULO—(Agencia Central dos Estados do Sul. Coronel Theodilo Pupo de Moraes e José Martins Pollo, Rua de Alameda, 4, sobrado).  
 PERNAMBUCO—Leopoldo A. da Silveira  
 PARA—Mannel Ferreira Santos Junior (casa Vary-Wall).  
 MANGABE—Lino Aguiar & C.ª  
 MARANHÃO—Leoncio J. de Medeiros & C.ª  
 CEARA—Balleis Torres & C.ª  
 BAHIA—Housa Vianna & C.ª Rua dos Ourives, 3.

PELOTAS—Carlos Pinto & C.ª (Livraria Americana).  
 PORTO ALEGRE—Carlos Pinto & C.ª (Livraria Americana).  
 RIO GRANDE DO SUL—Carlos Pinto & C.ª (Livraria Americana) Rua Marshal Floriano, 100.

### Em Africa

BOLAMA (Guiné)—Cesar A. Gouveia da Silva Homem, Thezouero geral da Provincia.  
 MOSAMEDES—José Maria Pereira, escrivão e tabelião.  
 QUELIMANE—Henrique Lima.

### No Continente

PORTO—(Agencia geral no Porto e no norte.) Antonio Couto Fernandes, Rua de Cambes, 11, A, 2.ª  
 EVORA—(Agencia geral em Evora e no Sul.) Luis Freire Correia, director da fiscalisação dos tabacos.

A Empresa do BRASIL-PORTUGAL espera dentro em pouco completar a relação dos seus correspondentes em todos os Estados do Brasil, e em Portugal e colonias.

Com elles se poderão entender directamente os seus subscriptores e leitores do BRASIL-PORTUGAL.

## O REGRESSO DE LORJÓ TAVARES

Pouco antes de ser este numero, com que abre o segundo anno da nossa illustração, distribuido aos seus leitores de Portugal, deve estar em Lisboa, Lorjô Tavares, que regressa do Brasil com sua esposa.

Os seus companheiros na direcção do *Brasil-Portugal*, todos os seus collegas de redacção, affectuosamente o saudam e lhe dão as boas vindas.

Os Estados mais importantes da Republica Brasileira á excepção do S. Paulo, percorreu elle de Norte a Sul, e em todas as cidades que visitou não só deixou amigos sinceros e dedicados, que souberam aquilatar-lhe o valor e as qualidades raras de caracter, mas por todas ellas consolidou o nome e o credito da nossa empresa litteraria, podendo afirmar-se que esta Revista está hoje em todas as bibliothecas ou em todas as mezas de trabalho d'aquella que a começar no Presidente da Republica, brasileiros e portuguezes têm pelos escriptores dos dois paizes,

pela arte e pela litteratura de ambos, o culto e o amor que tem todo o homem moderno por estas vides e fecundas manifestações do espirito.

O *Brasil-Portugal* é de quantas Revistas Illustradas, tem apparecido em Portugal e no Brasil aquella que maior tiragem tem atingido, e que mais larga circulação, tem conseguido até hoje. Todo o nosso prognostico, todo o nosso fim desde o excepcional acolhimento feito aos primeiros numeros d'esta publicação pelo publico portuguez, e especialmente pelo de Lisboa, foi correspondido a tantas sympathias e favores, apezar de os numeros que fossem sahindo e reduzir ainda os preços estabelecidos logo que a Revista entrasse no segundo anno.

Se não fizemos tudo isso, affrontando sacrificios, vencendo obstaculos, desenvolvendo no paiz as artes graphicas, obtendo a collaboração dos escriptores de—mais nomes, se fallamos á missao que o acolhimento do publico nos impoz, que o digam os leitores do *Brasil-Portugal*.

Pois bem. O auxilio mais dedicado, a perseverança mais tenaz, a actividade mais productiva, a dedicação mais pessoal, mais fervorosa, foram as de nosso querido companheiro ausente, as de Lorjô Tavares, que vem receber agora de nós todos o abraço affectuoso da boa vinda.

A sr.ª D. Margarida Lorjô Tavares, companheira digna, d'aquelle cujo regresso estamos celebrando, e que o acompanhara nas terras brasileiras com uma dedicação rara e efficacissima, sauda tambem pelo seu regresso á patria a redacção do *Brasil-Portugal*.

## CURIOSIDADES

### O reino animal

A revista allemã *Die Natur*, publica um interessante artigo de que extrahimos uma estatistica deversas interessante.

O autor d'esse artigo calcula em mais de 400.000 o numero das especies animadas vivendo na terra ou nos mares. No reino vegetal apenas se encontram 150.000.

Só os insectos fornecem mais de 280.000 especies, assim divididas; 120.000 de coleopteros, 50.000 de lepidopteros, 38.000 de hymenopteros, etc.

**Conselho d'Amigo...**  
**Os Vinhos de Adriano Ramos Pinto!**



As aves formam a trigéssima parte do numero total dos animaes; contam-se-lhe cerca de 13:000 especies.

Dos peixes o numero total de especies é de 12:000; dos reptis é de 3:800, dos quaes 640 de cabras.

Entre estas cerca de 300 são venenosas. Conhecem-se mais: 13:000 especies de amphibios, 2:000 de arachnidos, 50:000 de molluscos, 8:000 de vermes, 3:000 de echinodermes, etc.

O Museu de Historia Natural de Berlim, possui 200:000 especies de animaes, representados por cerca de um milhão e oitocentos mil exemplares.

### Os mortos e feridos na guerra do Transvaal

Um jornal de medicina inglez, sommando as perdas do exercito inglez nas trez batalhas de Belmont, de Graspen e de Madder River, fez notar que a proporção dos mortos para os feridos, é precisamente a mesma que dião as perdas dos allemães na guerra de 1870, ou seja um morto por 5,3 feridos.

Se as cifras d'estas perdas são exactas é certo que a proporção não tem nada de excessiva, relativamente á fornecida por algumas batalhas famosas. Assim em Leipzig (1813), houve um morto por dois feridos; os prussianos, na campanha do Schleswig tiveram um morto por 1,8 feridos; os austriacos, em Sadowa, tiveram um morto por tres feridos; e os russos, em 1877, tiveram um morto por 2,1 feridos.

Outra, ao mesmo, comquanto as armas estivessem muito longe do seu actual aperfeiçoamento, as guerras eram muitas vezes muito mais mortíferas do que hoje, visto que na batalha de Kundersdorp, em 1759, contava-se um morto por 1,9 feridos, e até um morto por 1,3 feridos na batalha de Blenheim.

### O contagio das doenças pelos livros

É um facto hoje perfectamente demonstrado que a transmissão das doenças contagiosas se pôde fazer por intermedio dos livros, que estiveram nas mãos dos doentes ou convalescentes. Todas as doenças eruptivas, a escaarlantina e a variola, entre outras, e de doenças d'outra natureza, a diptheria, são transmissíveis por este modo.

Por isso se tem pensado seriamente—sobretudo em Inglaterra—de exgottar esta fonte de contagio. Já em Edimburgo foi organizado um serviço regular, graças ao qual todos os dias os directores da bibliotheca recebem uma relação dos doentes de molestias infecciosas e são tomadas as medidas para saber os livros que foram emprestados para essas pessoas. E então essas livros são, segundo os casos, desinfectados ou destruidos. Quando, por exemplo, o livro esteve nas mãos d'um varioloso, é impiedosamente queimado.

Em Bradford foram tomadas identicas medidas, e está-se estudando o meio de as applicar em Londres, onde a densidade da população torna muito difficil a organização d'esse serviço.

Mas é natural que dentro em pouco esse serviço esteja organizado, porque os ingleses nunca hesitam em passar da theoria á pratica.

## Sciencia facil

### Pesa cartas improvisado

Basta para isto ter uma pequena regua (A)—Espeta-se n'uma das extremidades d'essa regua um alfinete (B) do qual se suspende um bilhete de visita (C) que fará as vezes de prato por meio de 4 fios (D). Para graduarse segue-se o seguinte processo: colloca-se no prato uma moeda de 200 reis; em seguida avança-se com a regua até que ella oscille em volta da aresta da mesa que será considerada como o eixo d'esta balança de nova especie. No sitio em que ella faz agora equilibrio marca-se 5 — E assim successivamente continua-se por moedas de

200 reis marcando por cada uma dellas 5 grammas no sitio em que é necessario pôr a regua para ella oscillar levemente em volta da aresta da mesa.

Para se pesar uma carta basta pol-a no prato e avançar com a regua sobre a mesa até que o peso do objecto faça equilibrio á regua. Lê-se o numero indicado n'esse sitio e está a carta pesada.

### O Indion

Facil é fazer este pequeno instrumento e com um material dos mais restrictos.

Basta apenas uma casca de ovo de pomba envasiado; pede-se a um amador de ovos crus que chupe por um buraco fe to com um alfinete o conteúdo do ovo. Em seguida introduz-se no ovo uma pouca de agua: para isso aquece-se o ovo e quando esta está um tanto quente mergulha-se na agua. Assim se consegue introduzir uma porção de agua que deve tambem conter um pouco de ar. Em seguida recorta-se em papel de estanho a *sillaunette* d'um pé de grandes olhos e bocca aberta; suspende-se esse peixe do ovo e introduz-se tudo dentro da agua de modo que o orificio da casca do ovo fique para baixo. Em seguida tapa-se o frasco com um pergaminho tendo o cuidado de deixar ficar entre o pergaminho e a agua um pouco de ar. O ovo deve ter agua em tal quantidade que fluctue livremente. Quando se quer baixar o ovo basta carregar com o dedo no pergaminho. O ar comprime-se e vai exercer pressão sobre a agua; esta vai entrar no ovo, comprimindo por uma vez o ar que ahí se achava; o ovo fica mais pesado e por isso desce; o contrario se passa quando deixa de se carregar no pergaminho e o ovo sobe. Nestes movimentos é arrastada a *sillaunette* que como vimos está ligada á casca do ovo.

## HORAS DE OCIO

### O BILHAR

#### Carambolas de phantasia



#### Charadas novissimas

Encontrei uma dama n'esta cidade—1, 2.  
A solo vejo com attenção que é um rei—3, 2.  
No céu e na terra ha uma planta—3, 2.  
Este espla tem valor e dea provas de bravura—3, 1.  
A terra e todas as mulsas era quem mandava esta mulher—1, 2, 1.

#### Charada em verso

Vês nas batalhas  
Sem ser militar... 1  
Vês nos basbaques  
Sem matutar... 1  
Apezar de ser illustre  
E mui bem comportado,  
Por ordem d'um tyranno  
Foi o pobre degolado!

F. M. G.

#### Logogripbo

(Por letras)

Sou pequena—1, 6, 9, 8, 7, 4  
Sei voar—5, 4, 7, 3  
Vivo n'agua—1, 3, 9, 5, 6  
Sei granar—3, 8, 9, 4  
Foi sob'rano—3, 1, 1, 8, 1  
Foi doutor—4, 1, 1, 8, 3  
Foi poeta—6, 3, 7, 9, 9, 3  
Foi pintor—2, 5, 8, 9, 8, 1.

Não é tabefe  
Não é mingão,  
Mas um peixinho  
Que não é mudo.

### Carta enigmatica

(Por syllabas)

Meu caro.

Como se que estás em correspondencia com a capital, peço-te me mandes comprar uma 2.<sup>a</sup> e 1.<sup>a</sup>, que não seja 3.<sup>a</sup> e 2.<sup>a</sup> sem contido ser 1.<sup>a</sup>, pois estou aqui pedindo-me de uma que mais parece 1.<sup>a</sup> e 2.<sup>a</sup> do que outra coisa. N'esta terra de tudo se faz a 3.<sup>a</sup>; vê, pois, que a encomenda seja a meu contento. E como eu tambem faço 3.<sup>a</sup> e 4.<sup>a</sup>, dos outros, não quero que me succeda o mesmo.

Teu amigo

1.<sup>a</sup>, 2.<sup>a</sup>, 3.<sup>a</sup> e 4.<sup>a</sup>

Ernestina de Mattos.

### Charada por anteposição

Primeira e segunda—mulher 1  
Segunda e primeira—mulher 2

### Enigmas

Vou jogar com onze letras,  
Nada menos nem nada mais,  
Para compôr um enigma  
Com palavra enfiada

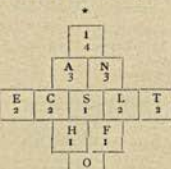
Tres e sete, consonantes,  
E em tudo bem iguaes,  
Dois, cinco, sete, oito e doze  
São írmlas, todas vogaes.

Só a quarta, coltadinha,  
Não tem írmi; é vogal;  
Um, nove e dez consonantes  
Sem nenhuma ser igual.

Uma, cinco, e sete e quatro  
Um ave nos vem mostrar,  
Em nove, seis, um, dois  
Palmeira deve encurtar.

Dez, oito, nove, um, onze  
Mostra nos reñas ser.  
Em um, quatro, tres e dois  
Uma arvore devem vér.

«No centro dos bosques d'um grande pila,  
Eu vivo feliz sem peras e sem pella  
E assim passo a vida em sitios tão bellos  
Que são os anheios do bravo Capella»



As letras, repetidas tantas vezes quantas os algarismos indicam, formam o nome de um poeta exímio.

### K mó EEEE

D. Luiz Filipe, filho  
primogenito de el-rei (Bocage  
Garrett  
Builho Pato

### Decifrações do n.º 20 do BRASIL-PORTUGAL

Das charadas em verso.—*Galdo, Regato, Pitonias, Tu-mulo.*

Das charadas novissimas—*Armaço, Samuel, Olivacir, Pa-pagayo, Partamachado, Peraveto.*

Da pergunta enigmatica—*Radio.*  
Do enigma com supressão de vogaes.

Tu dizes que eu sou tu,  
Em que papel se assignou?  
O mundo és muita volta,  
Sabe Deus de quem eu sou.

### Do salto equestre:

Como é sem piedade a juventude!  
como é cruel a tarde dos amores!  
desfolhadas as flores de virtude!  
como se fossem vendelras flores.

### Correspondencia em miniatura

A. P. (Lisboa)—Representou-se ha annos em Lisboa uma revista, em que apparecia um poeta. Entre varias quadras que recitava, produzindo a hilaridade do publico, havia esta:

«Pez o pé na sepultura  
Onde estava um corpo humano,  
Uma voz me respondeu:  
—Tira-te lá as pizes.»

As quadras da sua charada são por este modelo. Outro officio. **Agua molle...** (?) «Em pedra dura tanto dá até que fura.»  
Pois enganase: eu sou *infantavel!*  
**Grava Duquesas** (Algarve)—Chougu tarde para terenguro no presenta numero, mas como apparece no n.º 20, soffrendo, poreu, um peçete côrte.

F. A. de Mattos.



# O CARTAZ DA QUINZENA



**S. Carlos** — Depois da *Bohème*, de Leoncavallo, e dos *Palhaços* para estreia da sr.<sup>a</sup> Cavallière, canta-se em S. Carlos a *Favorita*, cuja distribuição é a seguinte:

*Leonor de Gusman*, Armida Parisi.  
*Fernando*, A. Bonci.  
*Orrei Afonso XII*, Sammarcho.  
*Balthazar*, Perelló.

Nos bailados toma parte a 1.<sup>a</sup> bailarina, Maria Bordin.

**D. Maria** — Até ao dia 10 de fevereiro ha os seguintes espectáculos: dia 1, *Mercedet* e *Primeira agonia*; dias 2, 3, 4 e 6, *Peralta* e *secias* e *Primeira agonia*.

A peça *Peralta secias* é a celebre comedia de Marcellino Mesquita, que teve as honras da epoca passada, conservando-se em scena até ao fim e dando enchenches ao theatro e ovações extraordinarias ao actor.

No dia 10 representa-se pela primeira vez a peça em 4 actos, de H. Lavedan, *Catharina*.

Lavedan é o actor das comedias *Neuvenu peu* e *Vieuz Marcheur*, que tanta successão causaram quando foram representadas, no D. Amélia, pela companhia de Jeanne Granier, *A Catharina* é uma peça de genero absolutamente diverso e é siderada a melhor obra theatral de Lavedan.

A distribuição dos papeis é a seguinte:

<i>Duque de La Rive</i> .....	Carlos Santos.
<i>Jorge Mantel</i> .....	Fernando Maia.
<i>Vallou</i> .....	Ferreira da Silva.
<i>Barão Fronard</i> .....	Joaquim Costa.
<i>Frederico</i> .....	Sarah Coelho.
<i>Paulo</i> .....	Ilda Victoria.
<i>Lucas</i> .....	Pinto de Campos.
<i>Duqueza de La Rive</i> .....	Emilia Lopes.
<i>Catharina Vallou</i> .....	Virginia.
<i>Helena</i> .....	Augusta Cordeiro.
<i>Branca Vallou</i> .....	Lucinda do Carmo.
<i>Baroneza Fronard</i> .....	Amelia Vianna.
<i>Magdalena de La Rive</i> ....	Maria Cordeiro.

A tradução da *Catharina* é feita pelo sr. Ferreira Machado.

**D. Amélia** — A companhia Rosas e Branco está procedendo aos ultimos ensaios da *La garçia*, engraçadissima peça, que, estamos certos, vai ter um successo colossal.

A *Lagarçia* é tradução de Eduardo Garrido, da peça *La dame chez de Maxime*, de J. Feydau. Tem 3 actos.

Para esta peça contractou a empresa a actriz Angela Pinto, retirada de scena ha mezes, por motivo de doença. Angela Pinto sahio do thea-

tro da Trindade, para tratar da sua saude, e entra agora no D. Amélia, já restabelecida.

A distribuição dos papeis é a seguinte:

<i>Dr. Petypon</i> .....	Augusto Rosa.
<i>General Petypon du Grédy</i> .....	Augusto Antunes.
<i>Dr. Mongicourt</i> .....	João Rosa.
<i>Tenente Corignon</i> .....	Luiz Pinto.
<i>Morillier</i> .....	Alfredo Santos.
<i>Varlin</i> .....	Carlos Bayard.
<i>O cura de Chantouai</i> .....	João Gil.
<i>Luciano Chamerot</i> .....	Carlos de Oliveira.
<i>O duque de Valmonté</i> .....	Henrique Alves.
<i>Guerissac</i> .....	Lagos.
<i>Vidaubon, prefeito</i> .....	Alvaro Cabral.
<i>Sauvarel, sub-prefeito</i> .....	Pinheiro.
<i>O varredor</i> .....	Pinheiro.
<i>Esteydo, criado</i> .....	Setta da Silva.
<i>Emilio, criado</i> .....	Salles.
<i>Outro criado</i> .....	Missas.
<i>1.<sup>o</sup> carregador</i> .....	Miranda.
<i>2.<sup>o</sup> carregador</i> .....	Silva.
<i>A Lagarçia</i> .....	Germano.
<i>Madame Petypon</i> .....	Angela Pinto.
<i>Duqueza de Valmonté</i> .....	Carolina Falco.
<i>Clementina</i> .....	Anna Pereira.
<i>Madame Claux</i> .....	Amelia Pereira.
<i>Madame Vidaubon</i> .....	Maria Falcão.
<i>Madame Hautigrol</i> .....	Maria Pia.
<i>Madame Ponati</i> .....	Georgina Pinto.
<i>Madame Virette</i> .....	Jesuina Saraiva.
<i>Madame Sauvrel</i> .....	Candida de Sousa.
<i>Madame Monglar</i> .....	Elvira Santos.
<i>Madame Manchon</i> .....	A. O'Sullivand.
<i>Madame Tournois</i> .....	Estephania.
<i>Outra senhora</i> .....	N. N.
	A. Reis.

**Trindade** — E' quasi desnecessario dizer quaes são os espectáculos da quinzena, porque não ha ninguem que não saiba que estando em scena o *Relogio magico*, a mais divertida de todas as magicas, o *Testamento da velha*, a engraçadissima operetta de Gervasio Lobato e de D. João da Camara, com musica deliciosa de Cyrillo Cardoso, e a peça *Trey mulheres para um marido*, em que Santinhos é impagavel, inutil é dizer que a quinzena será prehenchida com estas peças, que estão dando enchenches á cunha e ovações estrondosas.

**Gymnasio** — Emquanto vai gosando as honras e os lucros do *Salta-Pocinhas*, a comedia mais engraçada que se tem representado nos ultimos tempos, vai tambem a companhia d'este theatro ensaiando, para beneficio do actor Ignacio Peixoto, a nova peça de Manoel Penteado e Luiz Galhardo, *Agua de S. Chrispim* (*bicabornatadas*, *liticas e gaçosas*), comedia burlesca em tres actos.

A distribuição dos papeis é a seguinte:

<i>Simplicio Barata</i> — deputado.....	Telmo.
<i>Luiz de Camêes</i> .....	Josquim de Almeida.
<i>Theotônio Felix</i> .....	Cardoso.
<i>Adrião Nequeira Assucado</i> — major.....	Ignacio.
<i>Barão de Soares</i> .....	Marcellino Franco.
<i>Mattos Gamboa &amp; C.<sup>a</sup></i> .....	Annibal Pinheiro.
<i>Paulo Barradas</i> — medico.....	Ferreira.
<i>José Côxo</i> — impedido.....	Alves.

*O sr. Sousa*..... Salles.  
*O sr. Silva*..... Lemos.  
*Germanoff Baptistowisch*..... Lima.  
*José — criado*..... Brandão.

*Quiterio* — mestre de musica..... Sarmento.  
*D. Heidyges Barata*..... Barbara.  
*D. Capitolina Felix*..... Beatriz Rente.  
*A Bella Hortense*..... Josephia de Oliveira.  
*Rosa*..... Sophia Santos.  
*Dulce* — filha do barão..... Julianna Santos.  
*Tereza* — idem..... Adilia Soller.  
*Urraca* — idem..... Alda Soller.

Doentes, hospedes do hotel S. Chrispim, pharmonicos, etc., etc.

Actualidade: nas termas de S. Chrispim.

**Rua dos Condes** — Continua representando o *Poeta de Xabregas*, a peça de Eduardo Schwalbach, que obteve um estrondoso successo e está destinado a longa vida.

A musica escripta por Filipe Duarte é encantadora, e tem causado verdadeiro furor.

O scenario d'esta peça é excellente: o do 1.<sup>o</sup> acto foi pintado pelo grande artista João Galhardo, e os de 2.<sup>o</sup> e 3.<sup>o</sup> acto por Francisco Antonio do Valle, e illustre pintor tão conhecido do publico.

Para alternar com o *Poeta de Xabregas*, está a companhia ensaiando a comedia em 3 actos, *Maltaquias, mulher e filho*, em que Jesuina e Vale tem papeis de primeira ordem.

*Maltaquias, mulher e filho* é uma comedia que em tempos se representou no Gymnasio. Vae agora em beneficio de Jesuina.

**Avenida** — Está marcada para a noite de 10, a primeira recita da operetta de grande espectáculo, *Viagem de Sufete*.

A *Viagem de Sufete*, é posta em scena com todo o esplendor de scenario e guarda roupa. Os fatos são feitos por figurinos desenhados por Augusto Pina. Até á primeira recita da *Viagem de Sufete* vae a companhia representando o *Tim-tim por tim-tim*, nos domingos e dias santos.

A *Viagem de Sufete*, tem 3 actos e 11 quadros, é original de Chivat e Deurs, e foi traduzida pelo sandoso Gervasio Lobato e pelo sr. Eça Leal.

**Principe Real** — Durante a quinzena fará duas reprises; na noite de 7, a *Cabana do Pae Thomaz*, em beneficio do actor Peixoto e na noite de 16, o *Odio de raça* em beneficio do actor José Baptista.

Nas outras noites vae representando: *Morgandina de Val-Flor*, *Sineiro de S. Paulo*, *Segredo de Medico*, etc.

**Colyseu dos Recreios** — Com uma excellentre companhia de zarzuellos reabriu no dia 27 esta casa de espectáculos.

A companhia tem artistas de grande valor, como o tenor Mario Soriano, as tiples Fernandes, Dolores Ramos de la Vega e Carmen Moreno.

E' maestro director da orchestra D. Enrique Guarden Vargas.

Entre as zarzuelas que serão ouvidas em Lisboa pela primeira vez, citaremos como os que mais agradaram em Hespanha: *Gigantes y Cabezudos*, *Los Borrachas*, *El ultimo chulo*, *Les pespueartos de Villapierre*.





## Licor de café Beirão

Approvado pela illustrada Inspectoria de hygiene do Rio de Janeiro e Estado do Pará

**Celebre remedio contra sezões**

**Sempre certo!!! Sempre efficaz!!!**

O CAFÉ BEIRÃO, ao que se sabe, começou a fazer a sua reputação sôzinho, em silencio, sem arruido, até que com os seus proprios merecimentos tendo adquirido uma grande reputação, a sua fama fez echo na imprensa, porque as pessoas curadas quizeram fazer publico o seu reconhecimento, pois a saúde é o melhor dos bens que o céu nos pôde conceder.

O CAFÉ BEIRÃO cura as febres graves agudas, febres palustres, typhos, febre biliosa, cerebral, febres chronicas, endemias e contagiosas, febre lenta, nervosa, febre depois do parto ou puerperal, febre proveniente de golpes, queimaduras do sol ou do fogo, de bezigas, sarampo, etc., etc.

O CAFÉ BEIRÃO VERDADEIRO cura as febres intermitentes, malarias ou sezões, tão radicalmente, com tal promptidão e sem recalhadas, que hoje a sua fama de **santo remedio Beirão** é universal.

DEPOSITO

### Drogaria Beirão

DE

**Carvalho, Leite & C.<sup>a</sup>**

103—Rua do Conselheiro João Alfredo—103

PARÁ

## NUNES & NUNES Cambios e Papeis de Credito

ENDEREÇO TELEGRAPHICO: DOISNUNES

95, RUA DO DURO, 97 — LISBOA

## Companhia Geral de Credito Predial Portuguez

LISBOA—L. de Santo Antonio da Sé, 19

Empréstimos hypothecarios: em obrigações predias a longo prazo — juro de 4, 4 1/2, 5 e 6 1/2, de 10 e 15 annos. Empréstimos em conta corrente: a juro de 5 1/2, e commissão de 1/2 1/2 de 1 a 9 annos. Depositos: accitam-se a prazo ou a ordem, vencendo 2 1/2 a ordem e 3 1/2 ao prazo de 3 mezes; 3 1/2 a 6 e 4 1/2 ao anno. Propriedades: a Companhia tem muitas propriedades no reino e nas ilhas que vende a prompto ou a prazo. Agencias: nos districtos e nas ilhas. No Porto está installada uma delegação que resolve com a maior rapidez qualquer das operações da Companhia.

## LA BÉCARRE

**F. CARNEIRO & C.<sup>a</sup>**

### PAPELARIA E TYPOGRAPHIA

Grande sortimento de papeis nacionaes e estrangeiros. Artigos para pintura. Pertences de escriptorio. Objectos artisticos para brindes. Trabalhos typographicos em todos os generos.

Rua Nova do Almada, 47 e 49—LISBOA.

## Ao Bazar da Industria

TAVEIRA BARBOZA & C.<sup>a</sup>

R. CONSELHEIRO JOÃO ALFREDO, 43—Caixa Postal n.º 487—BRASIL—PARÁ

Completo sortimento de artigos para escriptorio, papelarias, livros em branco, chapéus, harmonicas, cordas para violão, licores, calças de mussina, roupas feitas, perfumarias, brinquedos. Camas de viagem, binoculos, artigos para presentes.

GRAND RAYON DE MIUDEZAS

O systema de vender tudo com pouco lucro é absoluto no Bazar da Industria.

Vendas por atacado e a retalho

## CASA DE COMISSÕES

### JOAQUIM FERREIRA DE CARVALHO & C.<sup>a</sup>

Importadores e Exportadores

DE GENEROS DE ESTIVA

Endereço telegraphico — Capital

Rua do Amorim, 33 a 35—PERNAMBUCO

## Soares Irmão & C.<sup>a</sup>

MATRIZ  
CASA HAVANEZA  
Rua da Installação, 7  
Vendas  
por grosso

Importação directa de todas as praças

Caixa postal n.º 49

Ender. teleg. HAVANEZA  
MANAOS

FILIAL  
O Barbeiro Elegante  
Rua Municipal, 26  
Vendas  
a Varejo

Permanente deposito de charutos, cigarros e fumos de todas as procedencias.

Piteiras, bolsas para fumo, e outros artigos para fumantes. Miudezas.

Completo sortido em artigos para homens e em objectos para viagem. Especialistas em roupa branca portugueza. Perfumarias.

## HOTEL DURAND

English Hotel — Lisboa

7, Rua das Flores — Largo do Quintella

Este hotel, situado na parte mais central da cidade, oferece todos os confortos de uma casa de primeira classe.

## Cesar A. Paiva

CIRURGIÃO DENTISTA

DE

SUAS Magestades e Altezas

CONSULTORIO

Rua do Arsenal, 100, 1.º

LISBOA

## Loja Pacheco

DE

Deolindo Pimentel & C.<sup>a</sup>

Sortimento completo em fazendas e artigos de novidade. Chapéus, calçado fino, perfumarias, roupas feitas para senhoras, homens e creanças.

Caixa postal N.º 364

Rua da Installação, 24

Manãos

Cambios  
Loterias  
e  
Papeis  
de credito

**JOÃO VIERLING & C.<sup>a</sup>**

LISBOA

R. do Arsenal  
44 e 46  
P. do Municipio  
1, 2 e 3

## JOÃO BASTOS & C.<sup>TA</sup>

### COMISSÕES E CONSIGNAÇÕES

LISBOA — Rua da Prata, 14, 1.º



ASSOCIAÇÃO  
DOS  
**EMPREGADOS NO COMMERCIO**  
DO  
**RIO DE JANEIRO**  
(Exclusiva para o pessoal do commercio)  
FUNDADA EM 1880  
Sede provisoria: Rua do Rosario, n.º 97  
Sede em construcção: Rua de Gonçalves Dias, n.º 40  
Capital social 900:000\$000

Esta associação, 1.ª no seu genero na America do Sul, conta actualmente um effectivo de 12:000 socios, todos do commercio — NEGOCIANTES, CAIXEIROS, GUARDA LIVROS, AJUDANTES, ETC.

E' unica pelos numerosos auxilios que distribue mediante a modica mensalidade de 20000 reis paga em trimestres.

O edificio em construcção á Rua Gonçalves Dias estará concluido em 1900 e será um dos mais lindos do Rio de Janeiro, construido especialmente para o fim a que se destina, não terá igual na vasta Republica Brasileira, constituindo pois, uma gloria para a CLASSE COMMERCIAL.

A Administração compõe-se de negociantes, industriaes, caixeiros, guarda-livros e ajudantes, todos muito conhecidos no centro commercial.

Convida-se todo o pessoal do commercio do Rio de Janeiro a filiar-se n' esta poderosa Associação. Na Secretaria fornecem-se todos os esclarecimentos precisos, quer sobre a admissão, quer sobre as multipas vantagens garantidas.



**Fabrica  
Confiança**

R. CUNHA & C.ª

145, RUA DE SANTA CATHARINA, 145

**PORTO**

Grande e apreciada exportação para os Estados Unidos do Brazil e Africa

*De camisas, ceroulas e todos os artigos  
de roupa branca para homens, senhoras e creanças*

Sortido completo e permanente

Execução rapida e aprimorada de qualquer encomenda

E' a maior e mais notavel fabrica de roupas  
brancas da península

Premiada com medalhas de ouro nas exposições a que tem concorrido

Endereço telegraphico — CONFIANÇA

GRANDE FABRICA DE MOVEIS  
**Marceneria 1.º de Dezembro**

Rua da Rosa, 168 — LISBOA

Telephone 883.

**Reis Collares & C.ª**

**MARCENEIROS CONSTRUCTORES**

Este importante estabelecimento, o primeiro do paiz n' este genero, tem sempre os seus vastos salões em **exposição permanente e franca ao publico**, magnificas mobílias para quartos de dormir, casas de jantar, escriptorios, gabinetes, etc., das mais lindas e preciosas madeiras tanto nacionaes como estrangeiras, fabricadas sempre pelos mais modernos desenhos, assim como se encarrega de toda e qualquer encomenda por maior que seja a sua importancia, satisfazendo-a com a maxima pontualidade, tanto para o reino como para o

**Brasil e Africa.**

Especialidade em mobiliarios completos para casamentos

*Os proprietarios d' este estabelecimento responsabilizam-se sempre em QUALQUER EPOCHA pela boa construcção e acabamento dos seus artefactos.*



**Mala Real Portugueza**

EMBRÉO TELEGRAPHICO Malacal

TELEPHONE N.º 380

Carreiras regulares para o Brazil no fim de cada meza para a Bahia, Rio de Janeiro e Santos, com escala pela Madeira.

Viagens rapidas pelos excellentes paquetes Malacal, Oliveira Cabral e Rei de Portugal.

Magnificas accommodações para passageiros de todas as classes, grande salão, camarotes com dois beliches, grandes camarotes para familia, valão para senhoras, casas de banho, de fumar, frigorificos, luz electrica, etc. etc. Tratamento de primeira ordem.

Roga-se aos srs. passageiros e carregadores o obsequio de dirigirem os seus pedidos ao escriptorio da empresa.

LISBOA—Largo do Municipio, 7, 1.º  
NO PORTO

Para passageiros: A. Henrique rua Alexandre Heróclito, 22.

Para carga: Cavall José do Pinho, rua Nova d' Alameda, 20, 2.º andar.

COMPANHIA

DE

**Mossamedes**

Sociedade anonyma

Capital Rs. 2:475.000\$000

Ações de 45000 reis

Sede social em Lisboa

90, Rua de S. Julião

Comitê da Direcção:

4, Rue La Paletier, Paris

Administrador delegado

Antonio Julio Machado

**Photographia**

**FIDANZA**

**PARÁ**

Rua Conselheiro João Alfredo, 22

O mais antigo e acreditado  
estabelecimento do

**Norte do Brasil**

premiado nas exposições de  
Paris e Chicago.

Nitidez, perfeição e arte





Casa Fundada em 1886

**JOSÉ MENDES LEITE & C.**

DEPOSITO DE INSTRUMENTOS DE MUZICA

18, Rua 15 de Novembro, 18



Instrumentos de Musica

Accessorios para os mesmos

NO GENERO

UNICA CASA DE CONFIANCA

Especialidade  
em cordas para violão,  
rabeca e viola

Endereço telegraphico

«Mendes»

Caixa no correio

N.º 455



Registrada por despacho da Meritissima Junta Commercial de 6 de Maio de 1897 sob o n.º 10.



Este estabelecimento, que é, no seu genero, o primeiro de todo o Estado do Pará e do Norte do Brasil, importa directamente todos os instrumentos de musica, de metal e de madeira, e encarrega-se de quaesquer encomendas.

O seu proprietario, José Mendes Leite, garante a qualidade, a solidez, perfeição e afinação normal de todos os instrumentos. Dirigir todos os pedidos a

**José Mendes Leite & C.**

Rua 15 de Novembro, n.º 18

PARA





**MANOEL CANICEIRO DA COSTA**  
 CARPINTERIA E SERRARIA A VAPOR  
*O mais antigo estabelecimento do norte do Brasil*  
 Foi fundado em 1870

Promptidão, rapidez e modicidade de preços

**Grande Deposito** De materias para construcção civil e naval

**RUA DA INDUSTRIA, 124 - PARÁ**

Endereço telegraphico - CANICEIRO

Caixa postal - N.º 83



**Agencia Financial**

DE

**PORTUGAL**

Rua General Camara - RIO DE JANEIRO

SOBRE-LOJA DO EDIFICIO

DA

Associação Commercial do Rio de Janeiro

Continua aberto o pagamento de juros da divida publica portugueza, fundada e amortisavel nos termos da legislação vigente, e bem assim a emissão de

**Saquês sobre Portugal**

pagaveis pelo BANCO DE PORTUGAL (CAIXA GERAL DO THESOURO PORTUGUEZ) em todas as capitães de districto e sedes dos concelhos do reino e ilhas adjacentes.

**O agente Financeiro**

**ALFREDO BARBOSA DOS SANTOS.**



**Coimbra & C.<sup>a</sup>**  
**FABRICANTES DE CALÇADO**

Fornecedores da Casa Real  
 E das principaes casas do paiz

**EXPORTADORES para a AFRICA E BRASIL**

Grande sortimento de calçado de toda a especie para senhores,

homens e crianças nas FILIAES:

Rua do Principe, 124 - Rua Nova do Carmo, 94

**Officinas - R. do Jardim do Regedor, 33 a 41 - LISBOA**

**Manteiga Burnay**

Aviso aos entendedores e ás donas de casas

Para fazer Boa Cozinha

É preciso  
 q' boa manteiga pura

USE

A Manteiga Burnay

À venda  
 em todas as principaes mercearias  
 de Lisboa

AGENTE GERAL

JOÃO RASTOS JUNIOR



**235, Rua dos Fanqueiros - LISBOA**

**DEPOSITARIOS EXCLUSIVOS**

João Luiz Fernandes & C.<sup>a</sup> - R. da Prata, 283 a 288, Lisboa  
 Jeronymo Martins & F.<sup>a</sup> - R. Garrett, 13 e 15, Lisboa.  
 José Afonso Vianna & C.<sup>a</sup> - Largo Camões, 33 e 34, Lisboa.  
 R. D. de Campos - R. da Prata, 187 a 191, Lisboa.  
 Alves Diniz, Irmãos & C.<sup>a</sup> - R. S. Julião, 92 a 106, Lisboa.  
 Seb. Corrêa Saraiva Lima - R. de S. Paulo, 121 e 123, Lisboa.

**Atelier-Photo-Chimico-Graphico**

**P. MARINHO & C.<sup>a</sup> - Rua de S. Paulo, 216, 2.<sup>o</sup> - LISBOA**

NUMERO TELEPHONICO 825

Trabalhos em todo o genero de gravura, autotypia, zincographia, chromotypia, etc. Especialidade em photographar. Os preços mais baratos de paiz. em todos os trabalhos.

**Execução perfeita.**



**Armazem de fazendas e fato feito, por atacado e a retalho**

FORNecedores DA CASA REAL

**J. NUNES CORRÊA & C.<sup>a</sup>**

ESPECIALIDADE D'UNIFORMES

Rua do Ouro, 40, 42 e 44: Rua de S. Julião, 120, 152, 154 e 156 - LISBOA

Prezificam-se com a maior brevidade qualquer fornecimento e encomendas para exportação. - Atelier mechnico para confecção de uniformes. Garante-se em todas as encomendas a boa qualidade, perfeição e modicidade de preços.



# ESCOLA ACADEMICA

Instituida em outubro de 1847

FUNDADOR

**Antonio Florencio dos Santos**

Director e Proprietario

**Jayme Mauperrin Santos**

Bacharel formado em Philoſophia e Medicina  
pela Universidade de Coimbra;  
Lente do Instituto Industrial e Commercial de Lisboa  
Medico dos Hospitais Civis

Inspector dos Estudos

**Antonio Dias de Sousa e Silva**

Bacharel formado em Philoſophia, com o curso  
de Mathematicas puras pela Universidade de Coimbra  
Curso Theologico no Seminario de Vizeu  
e Professor de Mathematica da Escola Academica  
desde 1874

Ensinam-se nesta Escola instrucção primaria, instrucção secundaria, periodo transitorio e curso geral dos lyceus, conforme o Regulamento de 14 de agosto de 1895, havendo além d'isso um curso commercial essencialmente pratico e completamente independente do curso geral dos lyceus.

As disciplinas que constituem este curso e que são leccionadas em classes especiaes e por professores especiaes são as seguintes e distribuidas em 4 annos:

## CURSO COMMERCIAL

### PRIMEIRO ANNO

Portuguez.  
Francês (tinha diſtincta).  
Inglez (tinha diſtincta).  
Allemão (tinha diſtincta).  
Arithmetica e calculo commercial.  
Calligraphia.  
Pratica de escriptorio.

### SEGUNDO ANNO

Portuguez.  
Francês (tinha diſtincta).  
Inglez (tinha diſtincta).  
Allemão (tinha diſtincta).  
Arithmetica e calculo commercial.  
Geographia geral.  
Calligraphia.  
Pratica d'escriptorio (tinha diſtincta).

### TERCEIRO ANNO

Francês.  
Inglez.  
Allemão.  
Arithmetica e calculo commercial (tinha diſtincta).  
Historia patria.  
Geographia commercial.  
Physica e chimica elementar.  
Historia natural elementar.  
Calligraphia.  
Pratica d'escriptorio.

### QUARTO ANNO

Francês. Exercícios de redacção e de conversação.  
Allemão. Contabilidade geral e escripturação commercial.  
Historias primas e especies commerciaes.  
Elementos da economia politica, legislação commercial e aduaneira.  
Pratica de operações commerciaes.

Nos tres primeiros annos ha em todas as aulas das linguas franceza, ingleza e allemã, exercicios de conversação regularmente distribuidos por toda a semana.

No quarto anno o horario está disposto de modo que as aulas theoreticas são dadas até ao meio dia, sendo a pratica das operações commerciaes das 7 ás 9 horas da noite. D'esta forma os alumnos do quarto anno já poderão empregar-se.

A aula da pratica das operações commerciaes, completa novidade entre nós, são admitidas pessoas extranhas ao curso que queiram desembaraçar-se n'estes trabalhos commerciaes.

Os alumnos que frequentarem este curso com distincção e aproveitamento, ser-lhes-ha passada pela Escola um certificado de curso.

Os horarios e mais disposições relativas a todos os cursos, estão patentes no vestibulo da Escola e enviam-se pelo correio a quem os requisitar.

A matricula está desde já aberta na Secretaria.

Lisboa e Secretaria da Escola Academica, 1 de Setembro de 1898.

O DIRECTOR

*Mauperrin Santos.*

RESTAURANTE AMERICANO

P. C. DE VASCONCELLOS

J. DE S. MATHEUS, 54 - PARA

Serviço de primeira ordem. Accommodações luxuosas para viajantes.

Accoio extremo. Illuminação electrica.

TODOS OS CONFORTOS



## Garantia da Amazonia

SOCIEDADE DE SEGUROS MUTUOS SOBRE A VIDA

DIRECTORIA

João Gualberto da Costa e Cunha

PRESIDENTE

M. S. Cruz Junior, secretario  
Dr. Firmo Braga, medico  
Dez.º Ernesto A. V. Chaves, advogado  
consulor

João Ventura Ferreira, thesoureiro interior  
Joaquim Antonio de Amorim, gerente  
José Simão da Costa, actuário

PARÁ, BRASIL

ESTADO FINANCEIRO EM 1.º DE JANEIRO DE 1899

Seguros propostos .....	Rs. 45.812.000\$000
Seguros em vigor .....	» 37.402.000\$000
Renda .....	» 3.079.985\$718
Reservas de resseguro .....	» 1.275.176\$349
Sinistros pagos .....	» 319.539\$870
Sobras .....	» 245.511\$969
Apólices emitidas .....	» 2\$119

Esta poderosa Sociedade em seu primeiro periodo social, recebeu maior numero de propostas, effectou maior somma de negocios, emittiu maior quantidade de apólices, realizou maior receita, separou maior reserva, levou a conta de seus seguros maior verba de sobras, ao passo que, relativamente, dispendeu menos com a sua administração, e teve menos sinistros do que qualquer companhia e ng-nero do mundo, no mesmo espaço de tempo, em relação aos negocios realiaados.

A GARANTIA DA AMAZONIA é hoje a primeira companhia  
de seguros de vida da America do Sul



**COMPAGNIE**  
des Messageries Maritimes  
Paquebots post français  
LINHA TRANSATLANTICA



Para Dabar, Pernambuco, Bahia, Rio de Janeiro, Montevideo e Buenos Ayres.  
Para passageiros do 3.º classe trata-se com José Antonio dos Santos & C.ª, 4, Praça dos Remolares.  
Para carga, passagens e todas as informações, trata-se na agência da Companhia, Rua Aurea, 32.  
Pela Companhia das Messageries Maritimes  
Soc. Torleães.

**MACHINAS SINGER PARA COSER**

## Bobina central

Em machina de costura é o que ha de mais maravilhoso.  
É propriedade exclusiva da importante e acreditada Companhia Fabril Singer.  
A machina **BOBINA CENTRAL** reune as grandes qualidades: essencial de velocidade, duração, formosura, perfeição e firmeza de ponto.

**A PRESTAÇÕES E A DINHEIRO**  
105, Praça do Loreto, 107—LISBOA  
Largo do Conde Barão, 36—Calçada da Graça, 10  
111, Rua da Jonqueira, 111

**Pacheco Borges & C.ª**

Importação  
e exportação  
Commercio e consignações

Rua 15 de Novembro, 47

**PARÁ**

## A RESTAURAÇÃO

DE



**Gonçaves & C.ª**

MERCEARIA, BOTEQUIM E FUMOS

Casa especialista em bebidas e conservas estrangeiras: Importação directa: Comissões e consignações: Caixa postal, 190.

Instalação, 8 — **Manãos**

A via macho para vapores  
e para o  
interior do Estado

**Águas DE Moura**



**Lisbõa**

**AGUAS MEDICINAES**

— DE —  
**“Moura”**

Hypo-Salinas, bicarbonatadas,  
calcicas, lithinadas

Estas magnificas e muito conhecidas aguas são as unicas no paiz para a cura da lithiasse e efficacissima no tratamento das doencas do estomago, figado, bexiga, urethra, etc., facilitando a sahida dos calculos e areias, mitigando rapidamente as cólicas nephriticas.

ESCRITORIO DA EMPREZA

**123, Rua da Conceição, 123**

— LISBOA —

**ASSIS & C.ª**

# Banco de Belem do Pará

**RUA 15 DE NOVEMBRO**

**DIRECTORIA**

José Marques Braga — José Taveira Lobato — Joaquim Samuel Gomes de Freitas —

José Augusto Corrêa — José Leite Chermont

**CAPITAL 3.000:000\$000 RÉIS**

Este Banco sacca e emite cartas de credito sobre todas as cidades e villas de Portugal, Hespanha e Italia, sobre Paris, Londres e New-York, e bem assim sobre o Rio de Janeiro, Ceará e Maranhão.

Deposito de figos para salão,  
Farinha,  
vinhos finos e communs



## Ferragens F. N. Santos & C.

Caixa postal N.º 31

Deposito de todos os utensilios para artes e officios.

Sortimento completo de armas de fogo dos mais afamados fabricantes. Fogões portuguezes, francezes e americanos.

Apetrechos para embarcações. Machinas de costura SINGER.

Especialidade em **Cutilaria**.

**Praça 15 Novembro, 3**

**MANAOS**

## Restaurant COELHO

— Largo de Santa Anna —

**PARÁ**

Proprietario — J. P. Vieira de Magalhães

O mais importante estabelecimento do Norte do Brasil. Serviço de primeira ordem, a toda a hora, dia e noite. Hotel no 1.º andar. Aposentos arejados. Preços modicos. Tratamento sem egual. Casa sempre apta a fornecer banquetes.

## Casa de liquidações

Rua Marechal Deodoro, 6-A

**Manaos**

—  
PROPRIETARIO

Francisco Lruas de Almeida

Casa por demais conhecida. Não precisa de reclamos, para se saber que é a unica em especialidade de artigos para homens, taes como chapéus de palha e feltro, calçado fino, camisas, meias, gravatas, etc.

Deposito permanente de bebidas nacionaes, charutos e goiabada superior.



## Torre Malakoff

LA ROQUE & C.

RUA DO CONS.º JOÃO ALFREDO, 86

**PARÁ**

Especialidade em artigos para

viagem, moveis e miudezas

## AMAZONENSE

DIRECTORIA

**Presidente** — Coronel Antonio de Miranda Araujo

**Secretario** — Alfredo Bastos

**Gerente** — Alberto Moreira Junior

**Medico-Chefe** — Dr. Menezio Quadros

**Banqueiro** — Banco do Amazonas

## Companhia de Seguros

SOBRE A VIDA

Séde social: Rua Municipal, 68 — MANAOS

Telephone n.º 230 Caixa Postal n.º 66-A End. Teleg. AMAZONAS

Unica com séde no Estado do Amazonas  
Unica que paga sempre os seus sinistros  
imediatamente após a exhibição  
das provas legais

Unica sociedade em que os segurados  
participam dos lucros

Unica em que os habitantes do Amazonas  
devem fazer seguros



Caixa Postal  
290

# UNIÃO PARAENSE

Ender. teleg.  
UNIÃO

COMPANHIA DE SEGUROS DE VIDA

Séde: Pará—BRASIL—T. da Industria, 13

## DIRECTORIA

Presidente — Bernardo Ferreira de Oliveira  
Vice-presidente — José Marques Braga

Secretario — Constantino Quadros de Carvalho

Thesoureiro — Manuel Elpidio d'Andrade

Medico — Dr. Luciano Castro

### GERENTE

FRANCISCO COUTINHO JUNIOR

### ADVOGADO

DR. FILIPPE JOSÉ DE LIMA

## Antonio do Couto

### ALFAYATE

Tem sempre em deposito grande e variado sortimento

DE

FAZENDAS DE Lã E SEDA

Nacionais e estrangeiras

Proprias para todas as estações

Recebe e satisfaz encomendas pelo correio

R. METTE AMOSTRAS E PREÇOS



RUA DO ALECRIM, 111, 1.º

— LISBOA —

## AO PALAIS ROYAL

### JOIAS

GRANDE BAZAR

MACHINAS DE COSTURA

Variedade de pedras preciosas desde o brilhante de pura agua á mais modesta amethysta.

Phantasias em adreços e em obras de ouro

A. PINTO DA CUNHA

CAIXA POSTAL, 124

Rua Conselheiro João Alfredo, 91 — PARÁ

## VINHOS VELHOS LEGITIMOS DO PORTO

Premiados nas exposições

DE LONDRES, 1862; PORTO, 1865 E PARIS, 1867 E 1878

ANTIGA CASA

João Eduardo dos Santos

Fundada em 1845



J.E.S.

PORTO

Registrada

Marca de Commercio

Os vinhos com o nome de minha casa, só devem ser considerados genuinos e authenticos, quando tiverem nos rotulos, capsulas, rolhas, caixas ou ossacos, a marca de commercio registrada, de que uso.

A' VENDA EM TODAS AS CASAS DE PRIMEIRA ORDEM

JOÃO EDUARDO DOS SANTOS JUNIOR — Porto.

## Castro Matta & Irmão

CASA IMPORTADORA

Commissões e Consignações

Especialidade em vinhos e azeites

Portuguezes

ENDER. TELEGR. 'Aida'

C. do Correio 212

R. 15 de Noyembro, 16

PARÁ

## COMPANHIA DE SEGUROS FIDELIDADE

FUNDADA EM 1835

CAPITAL, 1.344.000\$000 réis

Em acções do capital nominal de 1.000\$000 réis, com entrada de 50.000 réis por acção, sendo a responsabilidade permanente de accionistas, de 950\$000 réis.

Efectua seguros terrestres e maritimos na séde e nas agencias.

L. do Corpo Santo, 13

LISBOA

## Sapataria Luso-Brazileira

DE Francisco d'Oliveira SUCCESSOR  
Antigamente: Moreira & Fonseca

Calçado de luxo para exportação

FABRICO EXCLUSIVAMENTE "MANUAL"

93, RUA DO OURO — LISBOA

Consultorio medico-homeopatico

Do Dr. Cesario d'Abreu

RUA AUGUSTA, 224, 226, 228

LISBOA

Consulta medico-cirurgica e partos — 12 ás 2 h., 5 ás 10 n. — dr. Arthur Braga.  
Consulta medica, 3 ás 6 h. da l.; dr. Cesario d'Abreu.

Consulta gratuita a qualquer hora



The Pacific Steam Navigation Company Viagens rapidas para o Brasil e portos do Pacifico.  
Carreira quinzenal (às quartas feiras alternadas).  
Grandes paquetes, luz electrica, luxo e todas as commodidades. Preços modicos para S. Vicente, Pernambuco, Bahia, Rio de Janeiro, Montevidéu, Valparaiso, portos do Chili e Perú; e, na volta, para La Pallice e Liverpool. Linha semanal entre Londres, Gibraltar, Malta e Cadiz, e linha mensal para Glasgow Carreiras para Bordeaux e Leith, etc.

Caes do Sodré, 64, 1.º — LISBOA

Os Agentes — E. Pinto Basto & C.º

CAIXA POSTAL. N.º 56

103

ENDER. TELEG. CAVILHAS

A MAIS ANTIGA MERCEARIA DO ESTADO FUNDADA EM 1880

Dias d'Oliveira & C.ª — Vinhos, conservas, generos de 1.ª qualidade.—A primeira n'este genero.  
Promptidão nas encomendas, garantia nas vendas.

Filial — Rua Theodoreto Souto — Mañãos — RUA INSTALAÇÃO, 12

## New Zealand Store

Casa especial de viveres, molhados finos e mais generos concernentes a este ramo de negocio

### Importação directa

Recebem generos pelos vapores frigorificos,  
de Southampton e Rio da Prata

## COELHO, DIAS & C.ª

RUA DO OUVIDOR, 37

RIO DE JANEIRO

## A Formosa Paraense



Estabelecimento de modas e miudezas, com

### Importação

directa dos mercados europeus.

Fundado em 1864

## Corrêa Miranda & C.ª

R. Conselheiro João Alfredo, 67

PARÁ

## BRASIL-PORTUGAL

NOVA ASSIGNATURA

### Reducção de preços

(Vide 2.ª pagina da cap.)

## SANTOS & MAGALHÃES

### PAPELARIA E TYPOGRAPHIA

ARTIGOS DE ESCRITORIO

Trabalhos typographicos em todos os generos

OFFICINA A VAPOR

10 - RUA DA PRATA - 12

LISBOA

### Vereingte Chininfabriken ZIMMER & C.º, Francfort S. M.

**Equinina.**—A acção therapeutica equal á do quinino nas febres, influenza, malaria, febre typhoide, coqueluche, nevralgias, etc., e como tónico a Equinina não tem o gosto amargo nem fadiga o estomago e apresenta uma acção muito menos accentuada no systema nervoso que a quinina.

Indicações:

von Noorden: Centralblatt für innere Medicin 1896, No. 48.  
Overlach: Deutsche Medicinalzeitung 1897, No. 15 Panegrosi: Gazzetta degli Ospedali e delle Cliniche 1897, No. 118.  
Conti: Gazzetta degli Ospedali delle Cliniche 1897, No. 136.  
Fridrich: Orvosi Hetlap 1895, No. 1. Dr. F. Plehn: Archiv für Schiffs- und Tropen-Hygiene 1897, p. 498. Dr. F. Suchomlin: Ws-schentliches Journal für praktische Medicin. 1898, No. 16.  
Dr. A. Fausser: Orvosi Hetlap 1898, N. 18. Dr. K. M. Solon zeff: Botkinsche Hospital-Zeitung 1898, 5. März. Dr. Alexeeff, Dr. Kyszel, Professor Dr. Filatow: Journal de Clinique et de Therapeutiques infantiles 1898, No. 21. Dr. A. Mori: Settimana medica dello Sperimentale 1898, No. 26. Dr. G. Rondinini: Il Pratico 1898, No. 18. Dr. K. Goniew: Wratsch 1898, No. 26. Dr. S. Sapigni: Il Raccoglitore Medico di Forli 1898, August. Dr. Xaver Lewkiewicz: Wiener Klinische Wochenschrift 1898, No. 41. Dr. Franz Niedermayr: Wiener Medizinischen Blätter 1898, No. 46.

**Eunatrol.**—Purgativo precioso contra os calculos biliares e outras doencas do fígado. Pode ser tomado durante mezes consecutivos sob a forma de *Pilulas d'Eunatrol*, sem provocar effectos secundarios.

Indicações:

Blom: Der ärztliche Praktiker 1897, No. 3.  
**Valdel.**—Apresenta effectos curativos notaveis na hysteria, na neurasthenia, nas affecções do estomago; n'este ultimo genero de doencas é applicado sobretudo á anorexia e ás nauseas (inclusive o corpo a bordo). Amstras, indicações, todos os outros detalhes ficam á disposição do publico.

Indicações:

Dr. Schwersensky: Therapeutische Monatshefte. Nov. 1897  
G. Scognamiglio: Giornale Internazionale di Medicina Pratica 1898, No. 4—5.

**Perlas de quinino Zimmer.**—Contendo sulfato de quinino ou outros sais de quinino em estado puro, sem nenhum intermedio. Estas perlas dissolvem-se immediatamente no estomago e garantem assim effecto prompto e seguro.

Indicações:

von Noorden: Die Praxis 1896, No. 2.  
Scognamiglio: Archivio Internazionale di Medicina e Chirurgia Fasc. XII. Dezembro, 1896.

**OUTRAS ESPECIALIDADES**  
Quinino, Caffeina, Extractos, Preparações do sodo, Chocolate de Quinino Zimmer  
Agente em Portugal  
**GERMANO A. FERREIRA** — Rua dos Fanqueiros, 174, 1.º — LISBOA

CONSULTAS JOAQUIM CEZAR PAIVA CONSULTAS  
Das 8 da manhã Das II ás 12  
das 6 da tarde  
Cirurgião - Dentista

Diplomado pela Escola Medico-Cirurgica de Lisboa

Especialista no tratamento de doencas de bocca e das maxillares

Rua da Palma, 40, 1.º